

UM QUARTO



EXPEDIENTE

CURADORIA

Daniella Chaves e Danilo Chaves

CAPA

Daniella Chaves

DIAGRAMAÇÃO

Danilo Chaves

ÍNDICE

Apresentação - Danilo Chaves, p. 4

Playlist - Denis Fontenele, p. 5

Quarto de empregada - Denise Lima, p. 6

Um bomb simples saindo de um quarto de despejo - Irak, p. 8

Quarto de estudos - Antônio Sodré, p. 9

Um quarto do quarto - Elis Frota, p. 11

Conta aproximada - Ian Anderson Gomes Dias, p. 12

Arit-mética - Denis Scaramussa, p. 13

Se vestes, me despes - Eric Paiva + Kalor, p. 14

Francisco Cafica e José, a barata agiota - Lucas Vaz, p. 15

Dentro do sonho - André Ricardo de Paula, p. 20

Botando em ordem - Gabriella Morais, p. 23

Códigos para bugar distâncias - Gabriela Lima, p. 24

**Sobre quando meu quarto virou meu mundo e eu quase enlouqueci - Juau,
p. 26**

Nós de dentro - Stherego, p. 28

O quarto português - Kátia Nascimento, p. 29

Silêncio cósmico - Gui Albuquerque, p. 32

Quatro quartos - Marilise Monaco, p. 33

O vazio que alimenta - Sirineu Bezerra, p. 37

Um quarto - Mauro Bartolomeu, p. 38

Na janela do meu quarto - Zeka Kyambote, p. 39

Amor e sol - Paulo D'la Fuente, p. 41

Galáxias - Victor Cruzeiro, p. 42

Olhares sinceros - Priscilla Alves, p. 53

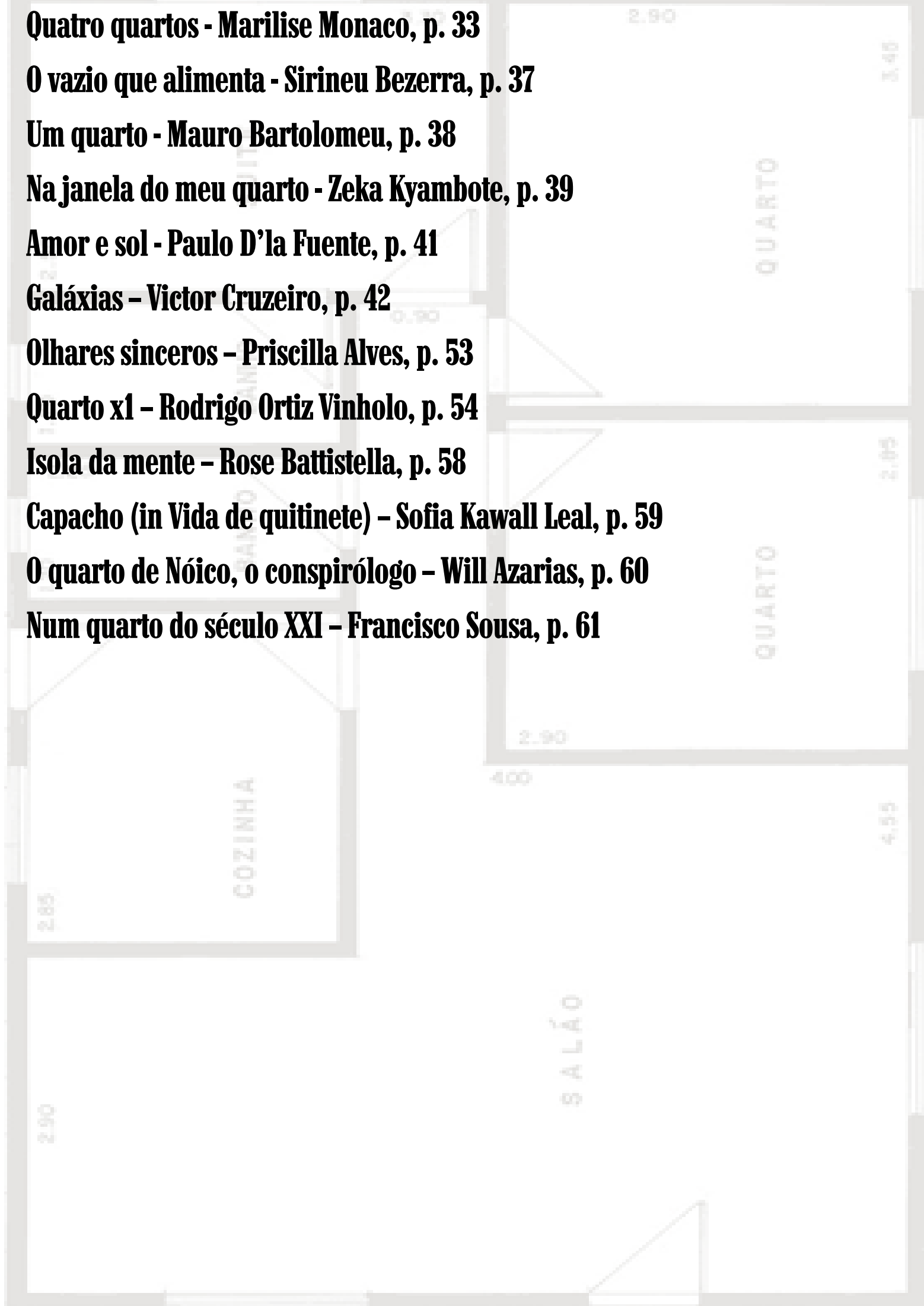
Quarto x1 - Rodrigo Ortiz Vinholo, p. 54

Isola da mente - Rose Battistella, p. 58

Capacho (in Vida de quitinete) - Sofia Kawall Leal, p. 59

O quarto de Nóico, o conspirólogo - Will Azarias, p. 60

Num quarto do século XXI - Francisco Sousa, p. 61



APRESENTAÇÃO

DANILO CHAVES

Às quartas usamos rosa, no quarto nós usamos a imaginação - nas brincadeiras de criança e nas brincadeiras de adultos.

2025 primeiro quarto de século XXI e quem imaginaria que tanta coisa caberiam nesses 25 anos? Inclusive, uma grande parte em que fomos obrigados a nos refugiar em nossos quartos para escaparmos de uma doença real - real até demais.

Nossa décima quarta edição chega assim cheia de imaginação. Com sempre temos gente dos quatro cantos do mundo e que trouxeram uma quarta de farinha da melhor qualidade: conto, poema, colagem, foto, desenho, pintura, quadrinho...

Como sempre temos que agradecer a cada artista que resolveu embelezar nossa edição. Vamos dividir nossos corações em quatro partes e cada um fica com um quarto.

Ai gente, até me deu uma dor nos quartos de andar pra cima e pra baixo carregando tanta arte boa na palma da minha mão! Agora me traz a quartinha d'água que falei muito e a boca secou.

Ainda tá aqui fazendo o quê? Se joga na playlist e vai já pro seu quarto ver essa revista todinha!

GOIÂNIA-GO

PLAYLIST

DENIS FONTENELE

- 01 - Bed Chem - Sabrina Carpenter**
- 02 - Criado-Mudo - O Teatro Mágico**
- 03 - Lençol Gelado - Rio Negro e Solimões**
- 04 - Travesseiro Azul - Amado Batista**
- 05 - In The Closet - Michael Jackson**
- 06 - Armário - Zeca Baleiro**
- 07 - Colchão - Os Amantes, Jaloo, Strobo**
- 08 - Cabide - Ana Carolina**
- 09 - Clothes - Greyson Chance**
- 10 - Pillow Talk - Wild Child**
- 11 - Pajamas - Gnash**
- 12 - Madrugada - Denis Fontenele feat. S.N.P.F.**

SPOTIFY

DEEZER

GOIÂNIA-GO

QUARTO DE EMPREGADA

DENISE LIMA

Nunca tive uma família “normal”, como as dos anúncios da televisão. No início, só percebia minha mãe e eu, contidas no quarto de empregada. Além de nós, aí sim, o stabilishment: pai, mãe e um casal de filhos, circulando pelo resto do apartamento tijucano de padrão classe média alta, área onde eu estava impedida de ir. Os motivos eram os mais variados, das peças de cristal e vidro espalhadas pela casa ao nível das visitas que não deviam ser incomodadas.

Aos quatro anos, aprendi os pretos tem que lutar para ser o que são, porque muitas vezes precisamos provar que estamos falando a verdade. Eu já sabia ler e contei, toda orgulhosa, para os filhos da patroa de minha mãe. Eles duvidaram e resolveram me castigar. Me amarraram ao pé da mesa de jantar e bateram com o cinto do pai. Da cozinha, minha mãe ouviu meu choro, veio me soltar e passou um sabão nos dois. A menina disse que, quando a mãe dela chegasse, iríamos ser postas para correr para baixo do viaduto, que é o lugar de “negrinhas mentirosas”.

Foi quase assim mesmo!

Agachada atrás de um monte de roupa suja com a qual me confundia, vi minha mãe ser humilhada pela patroa, olhava aquela mulher com o dedo em riste, no rosto uma expressão maldosa de superioridade destilando veneno, lembrando que morávamos no quarto de empregada do apartamento dela, que era melhor me manter da porta da cozinha para dentro. Afinal, minha “madrinha” era muito generosa por me deixar morar lá, eu não deveria ser motivo de desgaste e dores de cabeça. Senti naquele momento o peso da vergonha de minha mãe, seu ombro se curvando como tantas vezes nossos ancestrais fizeram nas senzalas. Seu rosto era uma máscara de medo, dor, revolta e pena.

No dia seguinte, bem cedo, minha mãe saiu comigo e fomos à escola pública que ficava à uma quadra do apartamento. Conversando com a diretora, ela chorou enquanto relatava o ocorrido na véspera e implorava uma vaga para mim. Por um desses milagres da vida, saímos de lá com

RIO DE JANEIRO-RJ

minha matrícula. Em uma semana, foi preciso providenciar sapato, uniforme e minha certidão de nascimento. Mas o patrão dela colaborou bastante, tanto dando verba, como dando folga para que tudo fosse providenciado. Começou um período quase feliz para mim, adorei a rotina de ter um local só para eu aprender e tudo o mais, da professora à merenda. Em pouco tempo, dominei minha nova vida. Só um detalhe me incomodava, minha mãe tentando me fazer parecer menos preta! Acho que se ela soubesse que o ritual de tortura matutina (com pente entrando, abrindo veredas da testa à nuca e o estica, estica, estica e enlaça à esquerda, processo igual à direita e pontas amarradas à uma fita colorida) só me expunha aos puxões, ameaças com tesoura e musiquinhas bizarras cantadas pelos meninos na escola, esse sofrimento não teria durado três anos.

No dia em que cansei da dor de cabeça causada pelo cabelo esticado demais, desatei as fitas, afrouxei os enlaces e soltei uma juba descomunal em sala de aula e, imediatamente, as dores cessaram. Foda-se se chamaram a diretora, se tentaram me pentear novamente, se eu chutei muitas canelas, se fui posta de castigo, se chamaram minha mãe, se tentaram me doutrinar, subornar, coagir. Nada deu tanto prazer quanto o cabelo rebelde balançando alto, medusa pós-moderna, segura e ameaçadora. Jurei nunca mais me comportar, conformar, diminuir, estranhar. Parti para o confronto, para a rebeldia fundamentada, para os olhos ferinos e a língua afiada. Era minha rebelião! De dentro do quarto de empregada, nunca mais se ouviu o choro matinal.

UM BOMB SIMPLES SAINDO DE UM QUARTO DE DESPEJO

IRAK



VICENTE PIRES-DF

O alfabeto estava escrito na lousa verde com giz branco. Era sua primeira aula no curso de alfabetização. Começava a super grande medo e vergonha. Aqueles vinte e seis símbolos, alguns estranhos, a assustavam. As palavras do velho na poltrona ressoavam em sua cabeça. “Isso não é para você! Você sempre foi burra.” Antes de sair para a aula sempre sofria com a violência moral do homem na poltrona. “Agora deu para inventar? Besta inútil.”

Na hora de estudar e fazer a lição de casa, trancava-se no quarto. Lá, o velho com problemas de mobilidade, dificilmente conseguia entrar sozinho. Ele ficava a maior parte do tempo na antiga poltrona, vendo televisão e reclamando da vida. O quarto era o lugar mais seguro da casa, era onde conseguia um pouco de privacidade para estudar sozinha. Ela comprou lápis e canetas de diferentes cores, apontadores e borrachas. Trocou a cadeira da escrivaninha por uma que estava na sala, mais confortável. Arrumou um abajur para que não faltasse iluminação.

Aprendeu o som das letras. No começo, as falava com dificuldade, gaguejava.

Ganhou confiança e comprou um caderno, que escondia no quarto. Com o tempo, juntou letras e escreveu palavras. Juntou palavras e escreveu frases. Juntou frases e escreveu textos. Trouxe livros para o seu lugar de estudo. Montou sua pequena biblioteca, que também escondeu em um dos cantos do quarto, em uma caixa de papelão.

Um dia não encontrou a caixa. O velho, que deu um jeito de entrar no quarto sozinho, queimou todos os livros. Sentiu uma imensa raiva silenciosa. “Não vai conseguir. Perda de tempo, sua mula!”, falou o velho. Conseguiu não escutar o que ouviu. Esse ato de intimidação a empoderou ainda mais.

Tentava ler todas as placas que encontrava na rua. Passava horas no mercadinho lendo os rótulos dos produtos. Finalmente sabia, com certeza, o ônibus que deveria pegar sem pedir ajuda. Começou a ler notícias de jornal, que levava para o quarto. Recortava as matérias mais

interessantes e as colava no caderno. Escrevia bilhetes, tudo naquele caderno que tinha que esconder quando se escondia no quarto para estudar.

Teve coragem para começar a aprender a ler e aprender a ler e escrever lhe deu coragem.

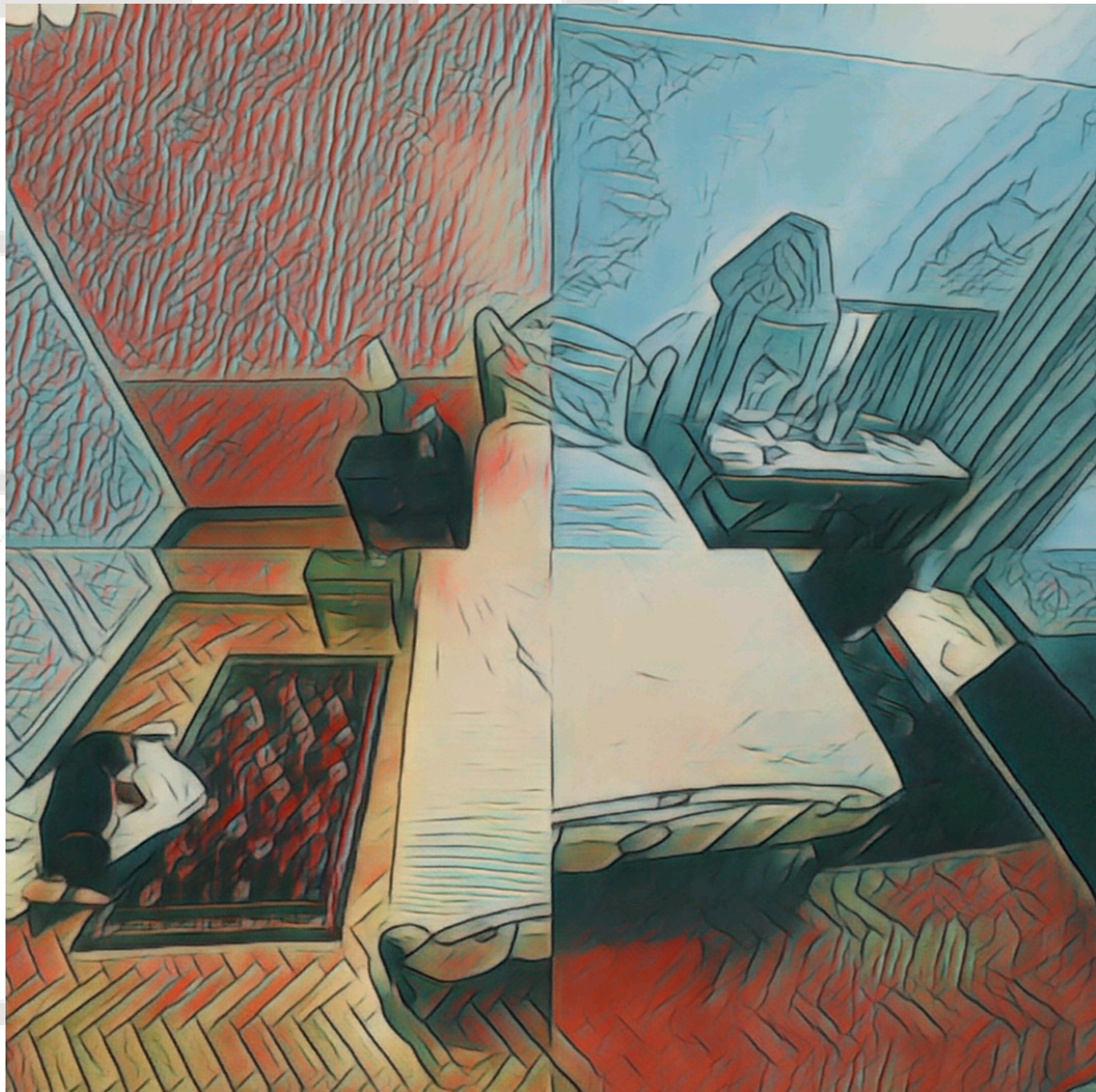
Foram horas, dias, meses e anos de dedicação. Alfabetizou-se Elegeu sua palavra preferida: liberdade. Não a conhecia quando entrou naquela sala pela primeira vez.

Em seu quarto escreveu uma carta para a irmã. Uma palavra saltava aos olhos: divórcio. Tinha 89 anos.



UM QUARTO DO QUARTO

ELIS FROTA



RIO DE JANEIRO-RJ

CONTA APROXIMADA

IAN ANDERSON
GOMES DIAS

11:45

15 minutos

para $\frac{1}{2}$

de $\frac{1}{7}$

de $\frac{1}{4}$

de $\frac{1}{12}$

de $\frac{1}{x}$

considere $x = \text{vida}$.

MANHUAÇU-MG

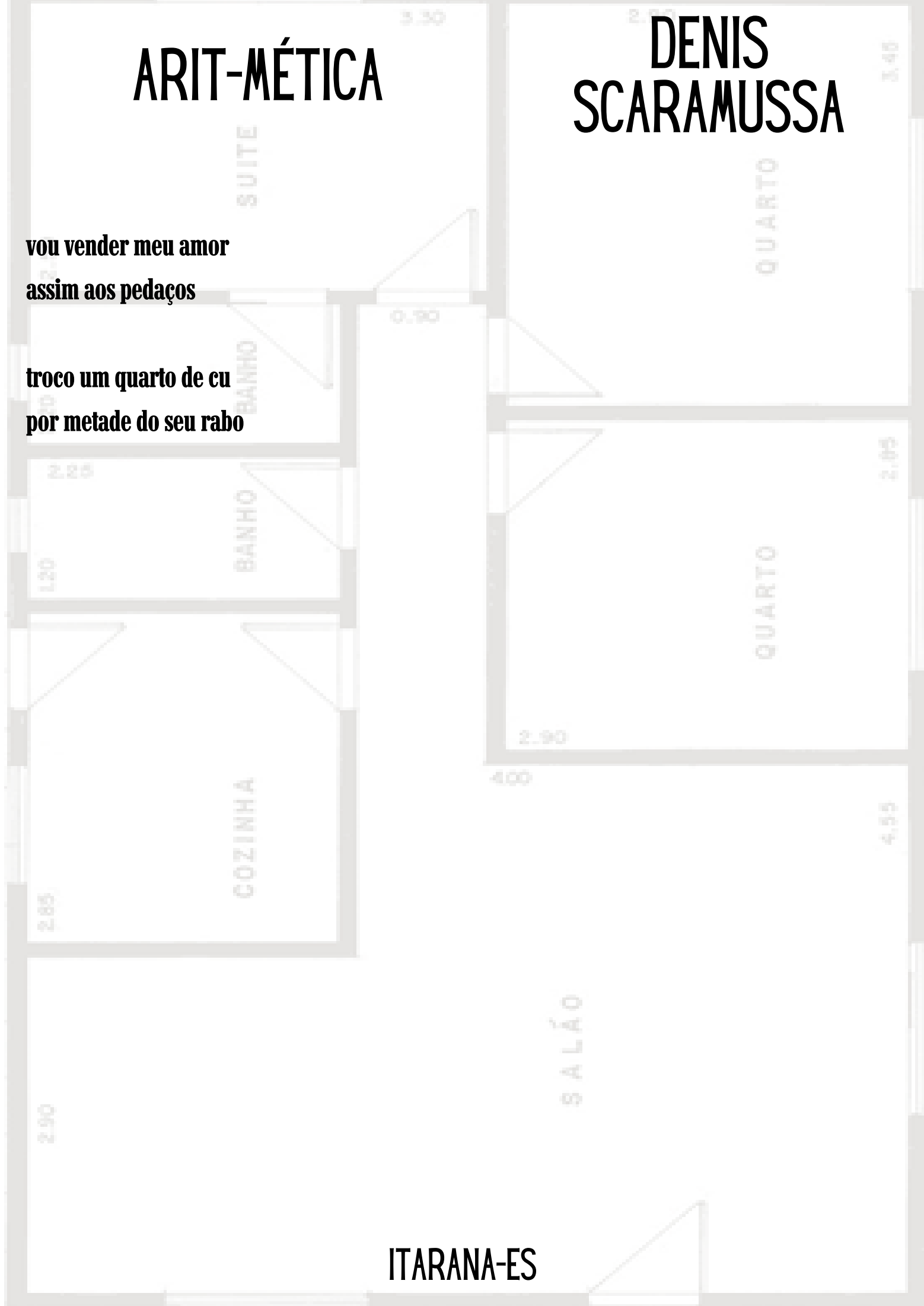
ARIT-MÉTICA

DENIS
SCARAMUSSA

vou vender meu amor
assim aos pedaços

troco um quarto de cu
por metade do seu rabo

ITARANA-ES



**SE VESTES, ME
DESPES**

ERIC PAIVA + KALOR



RIO DE JANEIRO-RJ / CAMARAGIBE-PE

FRANCISCO CAFICA E JOSÉ, A BARATA AGIOTA

LUCAS VAZ

Hoje é dia noventa e... calma. Preciso antes de continuar a escrever, ler esta merda no calendário. Sete! Noventa e sete! Da pandemia... admito que para mim, um amante do não contato humano, ver que ficaríamos trancafiados em casa por conta de um problema de saúde pública não seria nada ruim. Só que agora, sem receber um puto de centavo, acho que não foi tão interessante assim sair os primeiros dias comendo e bebendo cerveja que nem um degenerado.

E ainda tem ele... aquele maldito... que usurpou parte do meu quartinho alugado. Onde eu escondia algumas comidas! Ele roubou tudo! Taxou meu arroz! Meu feijão! Até a porra do maldito...

— Posso saber por qual motivo você está a falar alto mazelas sobre meu artrópode? — Lá vinha ele, tirar satisfação. Era o José... a barata voadora que eu não conseguia matar.

— Nada! — Pestanejei aos ventos. — Estou escrevendo, não consegue me deixar em paz? Ele voou até a mesa do computador. Andou como se mandasse no quarto. Se tivesse ali um charuto, ele fumaria. José dizia que era bom, mas não se engane, ele fugiu para comprar leite na época do nascimento dos filhos. Agora tá com doze meses de pensão atrasada.

— Ei! — Tentava afugentá-lo aos escárnios. Ele não ia.

— É uma história!? Olha só Francisco Cafica! Tu sabe escrever!

— E você não? — O questionamento foi para debochar.

— Fugí da escola na quarta série. Mas era gamado numa professora de lá. Senhora Carolina. Tinha umas seis pernas grossas rapaz. Que eu quase rasgava o exoesqueleto de tanto ficar duro!

— POUPE-ME DOS DETALHES JOSÉ! — Era tenebroso só de imaginar.

— Ih? É gay é? — José retrucou. — Nada contra, meu irmão é gay também! O melhor cabeleireiro do esgoto do centro! — José usou uma das patas para me chamar para perto. —

RIO DE JANEIRO-RJ

Ele me disse uma vez que dá desconto pras barata comer ele. — Começou a rir. — Tu tem que ver os baratão que vai lá só pra socar meu irmão na...

— JOSÉ!

— Desculpa, desculpa... tu não é das putaria né? — José foi para a ponta da mesa. — Olha esse quartinho também. Cara... Você pode ser bobão, mas têm condição. Isso têm!

— Baita condição José... Não tenho um puto de emprego para me sustentar. Por isso estou aqui.

— E sua família!?

— Eu não mereço ficar com eles. Sem trabalho... eu não sirvo de muita coisa.

— Oras, e desde quando você só é útil por que trabalha!? — Ele voou na minha frente.

Admito ter ficado assustado. Ele gostava de balançar a sujeira na minha cara para demonstrar autoridade. Ao fazer, caía em gargalhada.

— Olha isso aqui! — Continuou. — Tu escreve! Sabe quantas baratas sabem fazer isso!? Poucas!

— Eu não sou uma barata, José.

— Se poucas baratas fazem, e somos muitas. Acredito que humanos muito menos.

Me levantei da cadeira. Distanciei-me da mesa a qual a arte e a tortura faziam junção na minha dança entre a vontade de ser feliz e a frustração de ser comum. Criava, criava, criava, mas do que adiantava? Escritor vive de letras? Come palavras? Bebe frases? Compra com parágrafos? Ama com páginas? Vive com livros?

Não. Os comuns, como eu, definhavam na falta de trabalho em meio a uma crise de saúde. Não há mais espaço para genialidade no mundo de hoje. Ser alguém inovador, nada mais é, do que fracassar aos olhos de todos.

O quarto por si só, ao qual José elogiava, era uma perdição. O banheiro não ficava mais do que dois pisos de distância da minha cama. Mal podia fazer minhas necessidades, ou sentiria o cheiro por uma eterna noite. José em específico, cagava muito fedido.

A cozinha, ficava a três pisos do banheiro, então peço para que imagine o cheiro que ficava no quarto quando eu fazia comidas gordurosas. José amava. Dizia que eu havia passado aromatizante.

Tudo que tinha era pouco, só me restava o computador, e a eterna vontade de saltar para dentro das páginas, onde era imensamente mais feliz do que fora delas.

— Você sabe mesmo como pesar o clima, não é?

— José. — Eu fiquei angustiado. — Quer parar de ser fofoqueiro e ficar lendo meu conto!?

— Você escreve porque ama, não é? — Ele não me deu ouvidos. — Ouça um conselho de um baratão, pai de trinta e sete crianças.

— Você abandonou essas crianças, José.

— Era muita pensão cara!

— Continua...

— O conselho é... — Ele pigarreou, como quem ajeitasse a voz. — Não traia o seu coração.

— Ah José... — Revirei os olhos e balancei o rosto. — Falar é fácil, você é agiota. Eu tenho que te pagar para comer minha comida!

— Ora! Mas meu sonho era ser agiota! Um exemplo! Meu avô era agiota, sabe como ele morreu?

— Inseticida?

José voou até o meu ombro, eu fiquei tão assustado que mal tinha coragem de tirá-lo. Ele caminhou como quem fosse resolver uma briga de boate. Daqueles tipos de cara que saem na rua já querendo encrenca.

— Você não fale de épocas horríveis assim rapaz! Não sabe o que meu povo passou!

— Desculpa! Desculpa!

Ele voou até a janela, lá onde o pouco sol que entrava reluzia em sua casca marrom. Ele parecia até uma barata mais jovem do que aparentava.

— Meu avô era agiota e morreu de velhice! — Respondeu. — Ele batia em algumas baratas? Batia. Espancava outras? — Refletiu sobre a bondade do próprio avô. — As baratas pedem né, as vezes? Sabe como é barata né? Tipo aquelas que ficam paradas na tua frente ai tu vai e pisa? Enfim...

— Está querendo me dizer que é para matar as baratas?

— Teu sobrenome é Matsunaga por acaso? — José pigarreou de novo. — Continuando! O meu pai era agiota também, e sabe como ele morreu?

— Esse foi morto.

— O que tu tem tanto contra a vida das baratas, rapaz? Meu camarão do céu! Como pode tudo que eu falo você pensa que é morte!

— Desculpa! Desculpa!

— Ele morreu de velhice! Assim como meu avô. Por último! O meu tio foi agiota também, e sabe como ele morreu?

— De velhice.

— Não, um carro passou em cima da cabeça dele. Ele ficou vivo sete dias sem cabeça foi um desastre do caralho cara. Ele saía mijando em todo lugar, inclusive nas crianças. Isso deu um estresse na época...

— Qual a conclusão dessa história José!? — Fiquei imaginando o tio dele mijando nas baratas menores.

— A conclusão é! Não traia seu coração, Francisco. Ninguém deveria se punir por amar muito alguma coisa. Principalmente um escritor. Não existe trabalho mais bonito do que aquele feito pela alma.

José me fez sorrir por um lapso de tempo. Sabe, parando para analisar agora. O período da pandemia é mais cruel do que parece. Não apenas pela solidão. As mortes também possuem sua marca, mas também não apenas por elas. É que nesse período também tivemos que olhar para nossos quartos. O ambiente que as vezes só fazíamos dormir.

E perceber o quanto nosso quarto também sente falta de nós.

— Posso fazer um almoço? Para comemorar?

— Claro, Francisco! Faz aquele nugget no ketchup que só você sabe!

Me levantei para ir pegar os ingredientes, mas ao chegar próximo ao frigobar, José voou para o alto dele.

— Dois e cinquenta cada nugget. — Afirmou.

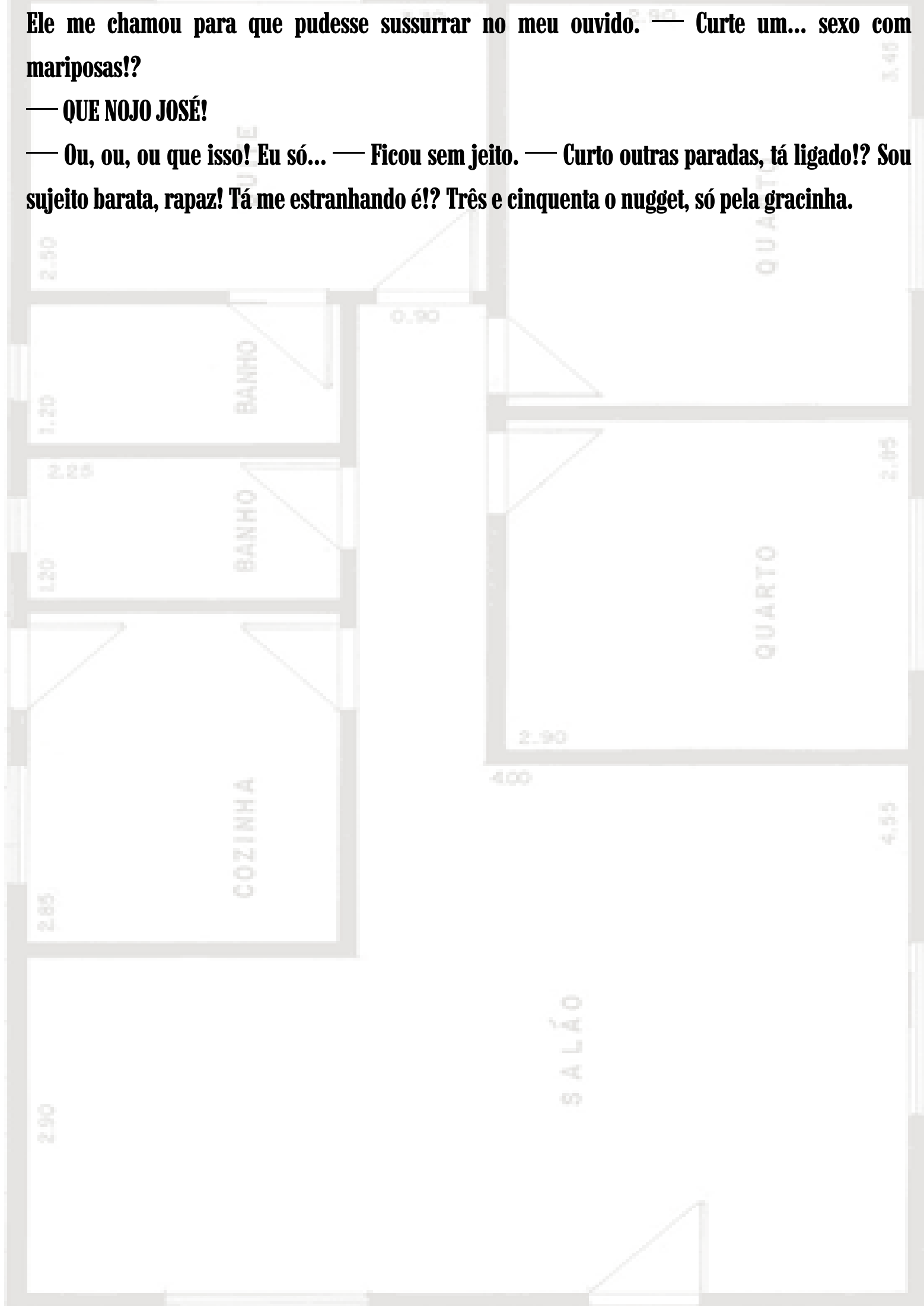
— Você acabou de me dar uma aula de vida! Ainda vai comer comigo!

— São negócios, moleque, apenas negócios. — Ele riu. — Seria maneiro né, para nome de escritor? Francisco Cafica? Francisco Cafetão. Só história de putaria! Baratão bombeiro que come várias casadas! Camarão que vem fazer bagunça em boate de barata! Ei! Francisco! —

Ele me chamou para que pudesse sussurrar no meu ouvido. — Curte um... sexo com mariposas!?

— QUE NOJO JOSÉ!

— Ou, ou, ou que isso! Eu só... — Ficou sem jeito. — Curto outras paradas, tá ligado!? Sou sujeito barata, rapaz! Tá me estranhando é!? Três e cinquenta o nugget, só pela gracinha.



DENTRO DO SONHO

ANDRÉ RICARDO DE PAULA

Como acontece em todos os sonhos, não é possível saber quando se começa a sonhar, e nem porque se começa a sonhar. Simplesmente estamos no meio de alguma ação, fora do tempo linear. Posso apenas afirmar que era alta noite, bem silenciosa. Como digno da idade que tinha, morria de medo do escuro, de acordar e ter de sair da cama, sair de debaixo das cobertas e encarar o desconhecido, solitário e infinito escuro. Mas aconteceu, abri os olhos, já com medo, nem sei de quê, uma sensação de terror me despertou. E lá estava eu, um miúdo magricela e cumprido, perdido na cama no breu da noite. Agarrado à cobertura, até à altura do pescoço, com força contra o peito, com receio de algo naquela escuridão que eu sentia a presença e que me paralisava o corpo. Escancarei os olhos, quase a saltar para fora do crânio, o que foi um ato ineficaz, pois todas as janelas e portas do quarto estavam trancadas, e todas as luzes da casa apagadas. Não havia um brilho sequer, nenhuma clara esperança aos meus doídos e arregalados olhos, então os fechei novamente. Tentei controlar o máximo que pude os tremores do corpo e a respiração ofegante que começava. Sempre foi motivo de fascínio aos humanos o quanto os sentidos se tornam apurados quando nos sentimos ameaçados. Por um segundo tudo estava completamente em silêncio, o único som que eu ouvia, quando consegui controlar o som da respiração, era meu coração, fiquei em máxima atenção a qualquer possível ataque de qualquer possível coisa naquele quarto escuro. Quando de súbito um odor invade minhas narinas, uma mistura de urina, suor, e meia suja. Aquele cheiro veio de forma agressiva aos meus sentidos apurados pelo medo, e logo deduzi que não estava ali sozinho, e algo mal cheiroso se aproximava. Involuntariamente meu corpo retoma os tremores. Agarro com mais força ainda o cobertor logo acima do peito, quase me sufocando. Foi necessário um instante de ameaça e meu coração bateu tão forte na caixa do peito que jurei sentir ecoando no interior do meu crânio e até ressoando na parede do outro lado do quarto. E se eu escutei, aquela criatura

RIO DAS PEDRAS-SP

que habitava as sombras também deve ter escutado. Meu medo havia entregado minha localização. Barulhos singelos se aproximavam. Um espaçado friccionar de borracha contra a cerâmica do piso, ringia agudo ao pressionar e abafado ao elevar. Era o som que vinha de passos dados em minha direção. E a respiração daquela criatura aumentava à medida que a minha diminuía. Havia agora um hálito próximo de minha frente, e o cheiro se tornava quente e ainda mais terrível. Era algum predador, com certeza. E eu a presa. Mas talvez eu pudesse fazer alguma coisa para me defender. A respiração ofegante a poucos centímetros do meu rosto, o hálito quente a umedecer meus cabelos, e logo senti as garras, garras a agarrar meu corpo. Garras grandes e fortes, me envolveram e o terror foi tanto que deixou meu corpo todo enrijecido, trêmulo, os batimentos acelerando cada vez mais rápidos, apertei as pálpebras com força nos olhos e como num impulso de sobrevivência, movo para fora de mim, com todas as minhas forças um grito.

- Socorro! Foi um sonoro clamor. Minhas pernas se mexiam, assim como meus braços, me debatendo como um animal sendo encaminhado para o abate, eu me recusava a cessar os contínuos e largos movimentos, tentando não dar oportunidade da fera arrancar-me um dos valiosos membros. Enquanto eu grito até sentir o queimar de meus pequenos pulmões, giro a cabeça de um lado ao outro, num desespero de recusa em deixar que me vença, tentando proteger minha ínfima existência. Eu era jovem demais para morrer, era o melhor jogador de futebol da rua de minha casa, meu pai ia me levar para pescar no sábado, minha mãe disse que no domingo faria feijoada com farofa, eu tinha tanto por que lutar.

- Socorro! Esbravejo novamente, tentando implorar por ajuda. Alguém haverá de escutar se eu gritar mais alto, as pessoas sempre protegem as crianças. Sinto-me imobilizado, mas já sem garras, a criatura ainda estava me contendo. Me debato com mais ferocidade ainda, agora que recuperei o ar e sinto meu corpo livre do medo. Tentei saltar da cama, porém sou novamente empurrado para baixo,

sendo mantido preso com os braços colados ao tronco por uma força muito superior à minha. Um absurdo morrer assim, uma criança ainda é uma criança. Por mais que sempre ganhava as lutas contra outros garotos da minha idade, aquela força era demais para mim.

- Me largue! Grito uma vez mais, tentando impor minha masculinidade ainda não desabrocha-

da. Não adiantava dar ordens àquela criatura. Eu sentia sua presença imponente em cima de mim, quase me esmagando as costelas para me conter.

- Você tem que me soltar! Insisto já com os últimos folegos que me restavam. Resolvi então por um momento soltar e relaxar o corpo, deixar os músculos descontraídos. Inspirei profundamente e forte e soltei devagar, parecendo estar pegando novamente no sono profundo, ou desmaiando por ter usado todas as minhas reservas de energia. Quando por uns poucos segundos senti meu corpo diminuindo de tamanho, já sem ter os músculos rígidos, nem ar nos pulmões, as mãos sem garras instantaneamente ficaram mais frouxas, era meu momento. Assim que meu ar se esgotou de vez, inspirei o ar lentamente para não ser reativo e me ver preso novamente. Então, fiz um acordo mútuo com minha mente, que era o momento correto de fugir e tentar buscar ajuda. E então, com meus calcanhares a forçar o colchão, empurrei meu corpo para cima, ao mesmo tempo que afasto os braços peludos com minhas minúsculas mãos, senti meu corpo se afastar daquele corpo grande que a presença no escuro indicava. Preciso apenas escolher uma direção para correr. No escuro não seria nada fácil, mas qualquer lugar era melhor do que onde eu estava. Abri novamente os olhos e as luzes quase me cegaram, estava tudo muito mais iluminado do que eu esperava, com as luzes acesas pude ver que não era apenas um monstro que havia no quarto, havia outro, os dois a me olhar, esperando minha rendição. Não podia desistir, não agora, não podia morrer, não, não.

- Não! Não! Continuo a falar, enfrentando e encarando as feras.

- Acorda filho! Sou eu, teu pai. Acorda menino!

Eu estava de pé em cima da cama, com os olhos arregalados como dois faróis de caminhão, o corpo subia e descia ao ritmo da respiração, ofegante e ininterrupta. Meu pai e minha mãe se encontravam a poucos metros de mim. Eu estava com as costas na parede, alarmado e ainda me sentindo encurralado. Olho para baixo e percebo o pijama todo ensopado de urina, que escorria pelas minhas pernas e inundava minhas meias e o colchão. Meu pai me encara com desaprovação enquanto me manda parar de gritar para não acordar toda a vizinhança, minha mãe se aproxima e com acolhimento me direciona para fora do colchão, e compreensiva diz: - Você vai lavar essas roupas todas.

BOTANDO EM ORDEM GABRIELLA MORAIS



GOIÂNIA-GO

CÓDIGOS PARA BUGAR DISTÂNCIAS

GABRIELA LIMA

Um quarto, Caio! E ainda me perco na medida da xícara. Um quarto: naquinta com a independência. Um dos visitantes dizia: teu quarto clean. Lembra? Roupeiro embutido, quatro portas recobrando a bagunça da mente. Papéis e panos esquivos, isentos de notas. Teu quarto clean, dizia, entre cínico e intrigado, antes da playlist da noite, antes da contraluz. Mas isso foi antes, antes de qualquer acidente e dos dois anos de silêncio e morte. Curioso como agora tudo parece antes, não? E o que veio depois, essa fumaça de estranhamento e caos, eu tenho estranhado tudo, Caio. As distâncias, as diferenças, os narizes evidentemente fora do lugar. E andam me estranhando também, eu sei. Minha bagunça não se esconde mais no armário, basta olhar, eu tô a cara do que veio depois — 0x0000004B — eu volto para aquele quarto, Caio, tropeçando feito bicho doente, como se tivesse esquecido um código, uma senha, um ticket, sei lá. Já é tarde. Teremos tempo? Você sabe, para a roda, teremos? Lembrete no espelho do corredor: **MANTER AS JANELAS ABERTAS**. Que os mortos entrem. Quiçá dancem entre os ramos da memória. Como naquela noite, quando a internet era uma senhora correndo pela repartição e, às sombras do fim do mundo, tentava contactar um alienígena. Pela fenda lancei uma parte, deixei um recado a um estranho no messenger à 0 hora de 2000. Lembro desse marco não pelo tom apocalíptico, mas pela apatia da casa quando meu irmão emigrou. Quase todos os jovens da rua emigraram. Sumiam por anos e voltavam diferentes, um bug de linguagem e a pele extraordinariamente branca. Mas ainda eram eles, exaustos, orgulhosos e — 0x0000004B — brancos. O bairro os recebia como veteranos de guerra. As mães, envelhecidas, voltavam a sorrir e os dias de fartura e festa cobriam os buracos das paredes. Os primeiros anos do século tiveram que aprender a esperar. Enquanto ansiava por Godot, o mundo dormia de cóis baixo e sonhava cinzas. Tentava olhar para frente, mas parecia que não

GOIÂNIA-GO

ia dar. A bagunça, o forro descolado do teto, as ripas segurando as estruturas da cama, um metal triste e a sensação funesta - como agora, Caio, como agora. Teve uma hora que parecia que ia dar certo, ia dar. O que mais quer que eu diga? Os dragões continuam apartados do paraíso e a maioria de nós ainda sem compreender a importância do fogo. Como se, a essa altura, só as asas bastassem. Da janela do quarto, o amanhã já é quase. Sinto falta de algo, como sinto daquele quarto da independência, como senti a ausência do meu irmão no início do século, como sinto a tua. Caio. Eu poderia dizer qualquer outro nome, mas Caio, teremos de enfrentar outro Natal. Outra vez, cruzaremos a porta feitos veteranos bêbados - um quarto de culpa e o artifício dos fogos. Haverá clima para seguir em frente? Outra vez. Como der. E na velocidade do agora, que a noite devore as distâncias. Que as matriarcas voltem a sorrir. Que a senhora da repartição contacte o alienígena. Que o estranho receba o recado. Caio.



SOBRE QUANDO MEU QUARTO VIROU MEU MUNDO E QUASE ENLOUQUECI

JUAU

Quando a pandemia chegou, meu quarto virou meu universo particular. Era a casa dentro da casa, o bunker da quarentena, meu refúgio contra o caos lá fora – e, ironicamente, também contra o caos na sala, onde meus pais assistiam às notícias sem parar. Meu dia começava e terminava entre as mesmas quatro paredes, que a essa altura já estavam mais íntimas de mim do que eu gostaria.

No início, era quase engraçado. Montei meu “escritório” improvisado com uma pilha de livros (obrigado, biografias de personalidades que nunca li), enchi a cama de travesseiros como se estivesse em um spa e prometi a mim mesmo que faria exercícios no tapete – spoiler: o tapete virou só uma extensão da minha procrastinação. Mas, conforme os dias se arrastavam, o riso começou a sumir.

Houve um período em que a sensação de que aquilo nunca ia acabar era sufocante. Lavar as mãos se tornou um ritual tão frequente que comecei a suspeitar que minhas digitais iam sumir. Às vezes, entre uma maratona de série e outra, eu me pegava olhando pela janela com um misto de saudade e inveja de um pombo que parecia livre, mesmo só voando entre postes.

E tinha a raiva, claro. Uma raiva que queimava como o álcool 70% no machucado de um descuido. Enquanto eu me afogava em relatórios de casos e estatísticas trágicas, havia gente lá fora fazendo churrasco, e o governo – ah, o governo – parecia mais preocupado em arranjar briga do que salvar vidas. Era o tipo de indignação que você sente quando está trancado num quarto assistindo o Titanic afundar, mas sabe que ninguém está tentando arrumar os botes.

No entanto, a pior parte era o isolamento. Sentir saudade de abraçar amigos, de dividir um café numa mesa pequena ou de ouvir um “vamos marcar” que nunca acontecia. A solidão foi se instalando devagar, como aquele mofo no canto da parede que eu fingia não ver. Às vezes, eu

TELÊMACO BORBA-PR

queria gritar, mas quem ia ouvir? As paredes? O travesseiro?

Ainda assim, meu quarto era meu porto seguro. Cada canto dele contava uma história: o canto da mesa que virou suporte de copos de café intermináveis, o armário que, por mais que eu arrumasse, insistia em parecer desorganizado, e a cama, que virou palco de pensamentos filosóficos profundos e cochilos vergonhosamente longos.

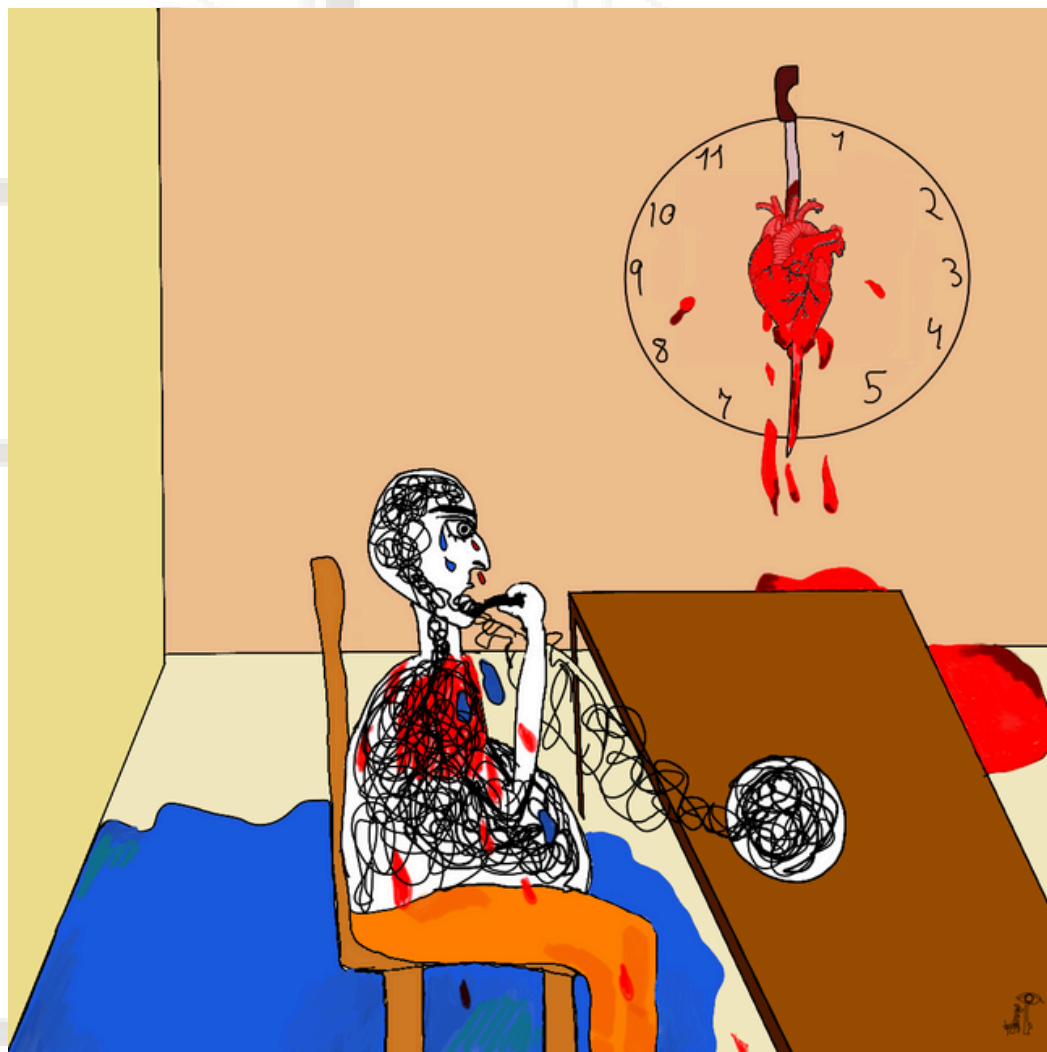
Com o tempo, percebi que minha relação com aquele espaço era uma espécie de paradoxo. Eu o amava e odiava. Era prisão e abrigo, prisão com Wi-Fi, mas ainda assim, prisão. E, quando as coisas começaram a melhorar, sair do quarto deu um alívio imenso – e também uma pontada estranha de saudade. Porque, no fundo, mesmo com todo o peso da solidão e da incerteza, foi ali que eu me redescobri, no espaço entre o medo e a resiliência.

Meu quarto foi meu mundo quando o mundo lá fora parecia estar acabando. E, talvez, foi lá que eu aprendi a sobreviver, entre gargalhadas de desespero e choros abafados pelo travesseiro. Triste e cômico, como a vida – ou como aquele mofo no canto, que eu ainda não resolvi.



NÓS DE DENTRO

STHEREGO



BETIM-MG

O QUARTO PORTUGUÊS

KÁTIA NASCIMENTO

A umidade do quarto mirra no meu ser. Dias a fio enxergo, por uma claraboia, a chuva caindo no telhado transparente. Meu olhar se perde entre o quadrado que sai da altura do teto e se esvai num túnel branco apontando para o céu. Abaixo, paredes gélidas, que dão vasão no todo desproporcional em suas formas, pequenas escadas, para cima e para baixo, portas para dentro e para fora.

O belo está apenas na imagem que crio na minha cabeça.

Depois da chuva, consigo abrir a porta dos fundos, deixando entrar a claridade, clareando um pouco as ideias escurecidas pelo tempo chuvoso e triste. Por alguma razão, abdiquei do conforto, que era do jeito que eu gosto, para ver a chuva cair do telhado transparente no fim do túnel.

Está na hora do trabalho. É preciso não perder o fio das coisas. A mesa, onde passo horas do dia destrinchando textos e mais textos, se encontra numa posição que consigo avistar, com a porta aberta, um pouco da trilha que perpassa o caminho para a saída da casa, com grama por cortar, deixando viver algumas margaridas do campo, amarelas e brancas.

Em frente à porta, pelo lado de fora, há um portão, fundo do casarão antigo de Dona Amália, senhora idosa e adoentada, que vive só, diz que há muitos anos. - Bom dia, Dona Amália, como vai a senhora? - Estou na mesma, daqui a pouco vai chegar a menina Maria, que vem trazer-me medicamentos. Estou a avisar, pois ela chega aos berros e assusta toda a gente. - Não tem importância, Dona Amália, eu sigo aqui trabalhando. Bom dia pra senhora. - Continuação - ela me deseja. Um lindo modo português de desejar bom dia.

A enfermeira vai à casa de Dona Amália levar uma espécie de tratamento com inalação todos os dias à mesma hora. A senhora sofre de insuficiência respiratória. Consigo ouvir de onde estou sua respiração junto com suas crises de tosse, que são constantes.

AVEIRO-PORTUGAL

Tento dar sequência às minhas leituras, enquanto isso se sucede. Mas passo a ter dificuldade em me concentrar. Penso em onde será que anda a família de Dona Amália, se tem filhos, se tem, onde estão, se um dia teve marido, se alguém cuida dela. Levam-lhe comida às 11 horas. A cada dia, uma nova pessoa estaciona uma carrinha em frente à casa, desce, caminha até o porta-malas e pega uma marmita. Como tem que fazer isso com certa rapidez, a pessoa já começa a chamá-la a partir da porta de entrada, lá embaixo: - Dona Amália, comida. Dona Amália abre o portão, a pessoa entra, descarrega a marmita e volta correndo porque deixou a carrinha mal estacionada. Dona Amália acena para ela, me cumprimenta e, como sempre, me deseja continuação.

Dona Amália é alimentada feito um cão velho. Talvez menos que isso. Um cão velho, o amamos, fazemos festinhas, o acariciamos, depois lhe damos comida boa, com nutrientes dependendo da raça, lhe damos água, com tudo cuidadosamente asseado.

Nós amamos o cão velho.

Quando Dona Amália fecha o portão, eu não sei mais o que acontece. Não sei se ela geme de dor quando tosse. Se ela gostou da comida. Se ela está com falta de ar. Dona Amália não reclama, mas se preocupa se o barulho de quem chega me perturba. Asseguro-lhe que eu não me incomodo tão fácil, que fique tranquila. Ela ri e pergunta: - Como é mesmo o seu nome? Tanto faz se eu disser que é Maria ou Joana. Ela sempre esquece.

Chove dias a fio. A umidade mirra no meu ser. Escrevo na penumbra do quarto gelado. Não consigo mais abrir a porta que dá para o portão de Dona Amália. As vozes que lhe medicam e alimentam são ensurdecidas pela chuva. As vozes que atendem sua falta de ar, não as ouço mais. Não ouço a senhora respirar. Não me diz mais, continuação. Minha escrita se angustia quando a chuva para. Não paro de escrever. E de fato não consigo mais continuar. Não ouço mais nada, nem chuva, nem vozes. Estou com medo de abrir a porta. Não quero saber de Dona Amália. Eu também não quero mais saber de Dona Amália. Talvez ela não tenha resistido, e se não resistiu eu não resistirei. Talvez ela não tenha suportado o frio, a falta de ar, a comida escassa. Se ela não suportou eu também não suportarei. Não quero mais saber dela, ela me angustia com sua vida. Não posso fazer nada, seria melhor que ela se mudasse dali, que trocasse o portão de lugar. Não quero mais vê-la.

A chuva passou, mas não passou o meu alvoroço interno, um sentimento ambíguo. Por que estou preocupada com Dona Amália? Por que quero vê-la quando abro a porta que era só para entrar ar e claridade?

Pois bem, vou abrir essa porta e saber, de uma vez por todas, como está a boa senhora, que se preocupa com o meu bem-estar e não com o dela.

Respiro fundo. Com cuidado, destranco a porta, viro a maçaneta, abro-a, tento ser silenciosa para não chamar muito a atenção de quem quer que seja. Ora, ali não passam muitas pessoas.

Qual o meu problema?

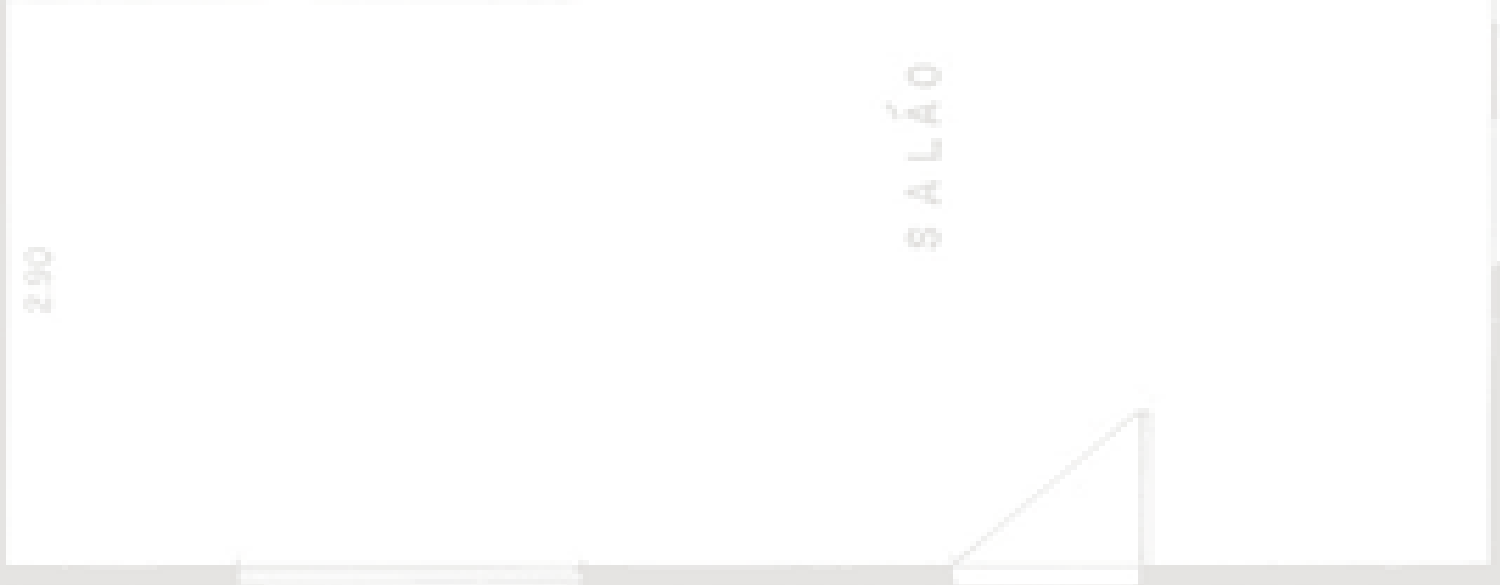
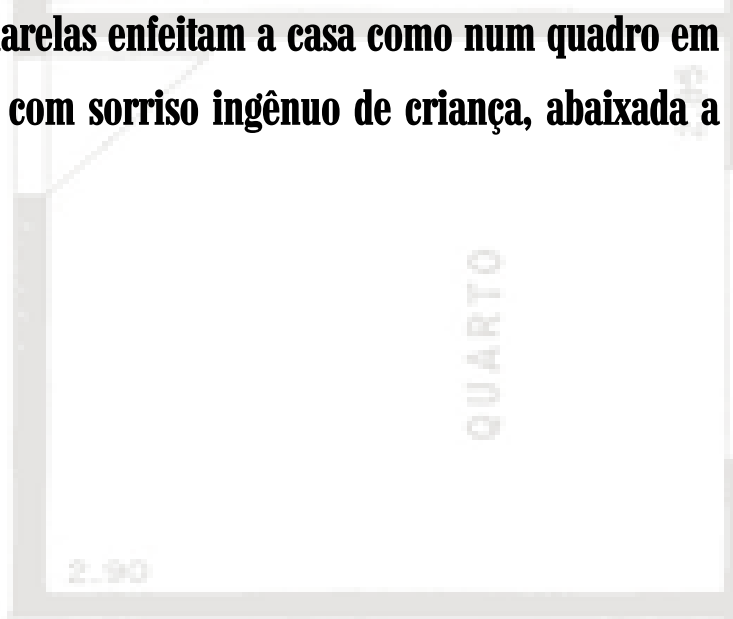
Escancaro a porta, enfim.

Ao pé do portão de Dona Amália, margaridas amarelas enfeitam a casa como num quadro em que a personagem principal é um boa senhora, com sorriso ingênuo de criança, abaixada a arrancar o inço que nasceu depois da chuva.

- Continuação, Dona Amália.

- Continuação, Dona Lívia.

Ela acertou meu nome, desta vez.



SILÊNCIO CÓSMICO

GUI ALBUQUERQUE



ALTO PARAÍSO DE GOIÁS-GO

QUATRO QUARTOS

MARILISE MONACO

SEGUNDO

Samuel morreu assim que abriu os olhos. Ele foi embrulhado e enterrado numa caixa do pai, morada de seus únicos tênis novos. Está lá no quintal, logo abaixo do limoeiro, onde fica a cruz e o canteiro de onze horas. Todo seis de janeiro a mãe chora, tem bolo, palmas e parabéns. Qualquer dia melhora, olha que linda a foto dele no colo, a cara da mãe. Quando eu cheguei, dois anos depois, me batizaram de Samuel também. Samuel Segundo. Não tem foto minha no colo de ninguém. O pai falou que era medo de apego e me deram pra vó criar sem nem embalar. Com Rael e Raquel foi diferente. Teve até dinheiro pra festa azul e rosa, foto da barriga dividida, e eu, fora de foco, de fundo, de cara chorosa, de inveja, de sujo de bolo ou de terra do limoeiro.

PRIMEIRO

Do primeiro, só tem uma foto. Da borda da porta já nascia o beliche, todo encaixado até a outra parede. Daí vinha o armário, dizem que herdado de uma tia rica do Recife. A vó mesma cortou um pedaço pra velharia caber no espaço. Pegava tudinho, de cabo a rabo. Falta janela e ar no retrato. Vem cheiro de mato guardado, de vela queimada pra santa enferrujada. Altar improvisado na mesinha ao lado. Aparecida ou Bárbara. As santas se revezavam no cenário escasso. Não tem um adesivo ou rabisco. Qualquer sinal de infância era proibido. Tô eu embutido na cama de cima quase encostando no teto. A vó na debaixo, falhando em esconder o cigarro do neto. Mostra a perna e o salto. O lençol antes rosa tá desbotado de tanto lavado. Não tem quarta parede na imagem. A foto quebrou. Era lá que ficava o espelho. Dava pra ver de novo a chama preta da vela da santa, o lençol rosa da cama e o capeta.

TERCEIRO

Toda foto de Maria Alice tem pose e sol. Em qualquer posição, horário ou local, ela trazia sol e

SÃO PAULO-SP

sorriso. Prova disso, o painel de cortiça. Montado por ela com cola e tachinhas, ela enfeitou nosso quarto com recortes da vida. Ela e as amigas, tão engraçada, de óculos e peruca colorida. Com o pai na crisma, exibindo o vestido branco bordado, uma mão na alcinha, a outra no queixo, assoprando beijinhos rosados. A gente em noite de São João, de Maria Bonita e Lampião, painel todo colorido, fazia sol, flor de cacto, até pássaro, casinha e bandeirola. Uma dela na praia, na escada, na escola, festa, floresta, uma rosa recortada de revista. Todas elas, Maria Alice bonita. Eternizei numa foto.

PRIMEIRO

A vó pariu uma menina parruda, cabeluda e rosa. Ela disse pro pai, tome, essa já veio criada, não quero saber de bebê, é menina-leitoa, se vira com o leite e some. Não derramou uma lágrima, mas verteu pelas tetas. Foi quando me deram pra vó e eu tava com fome. Puta que o pariu, não precisa maternar, mas não seja egoísta, dá o leite que escorre ou o menino morre. Quer leite? Tome. Mamei até ficar de pé. Eu gritava na missa, fazia birra de rua, queria toda hora, bota a teta pra fora, as unhas no fundo e eu me deliciava. A véia rezava. Um dia você me paga, Segundo.

SEGUNDO

Não tenho foto, mas já vi o segundo numa reportagem. Também era de beliche, feito de cimento e grudado um no outro. Eu dormia embaixo, outro moleque em cima e mais quatro no quarto. Era cinza cimento e amarelo apagado. Na tv, faz sol, mas na vida real, era raro. O colchão era fino, o travesseiro, mínimo e o cobertor xadrez azul manchado. A matéria, eu acho, sobre aprendizado ou segunda chance.

PRIMEIRA

O dia da foto de Maria Alice de branco na crisma foi a primeira vez que a vi. Seu pai falou escolhe um presente, qualquer coisa pra ti. Ela quis conhecer a mãe. De menina-leitoa, só ficou a cor do batom, rosa beijinho. Também vi, do vestido de alcinha, despontando rosa, o biquinho. De noite na cama de cima, meu pau rosa, duro. Embaixo a vó chama o pai nosso, reza ave maria e o credo baixinho. Juro, você me paga, Segundo. Creio em deus pai, eu vejo, Segundo, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, você é encapetado. Ela escala a escada, a cueca abaixada, eu de lado, doendo, a vó mama. Ficou eu e o leite, eu melecado, maluco, a santa me

vendo do espelho dobrado ardendo a chama.

TERCEIRO

Guarda-roupas-2-portas. Cômoda-6-gavetas. Tv-32-polegadas.

Toalha-molhada. Roupa-espalhada. Bronca-risada.

Janela-amarela. Cama-de-casal. Colchão-paixão. Lençol-sol. Travesseiro-seu-cheiro.
Descoberta-coberta. Maria-Alice-bonita-desperta.

PRIMEIRO

Seis de janeiro. Dia de Samuel, olha ele no colo, parabéns, bolo e limoeiro. De ver a família da mãe, do pai, Rael e Raquel. Dia da vó botar salto. De eu ir arrastado, lavado, olha só como ele tá alto. Molestado. Dia de foto nova pro álbum.

QUARTO

Tem um quadro do painel de cortiça e uma moldura vazia pra foto queimada.

PRIMEIRO

Família reunida na cozinha. Mais espaço para pose, sorriso e sol. Fiquei com a santa na sala, luz toda apagada. Orei para ela, também era Bárbara, acendi uma vela, comecei da cortina vieram os aplausos, era o fim do retrato perene, agora queimado. Tranquei a porta e saí. Vieram as sirenes. Nem santa protetora do fogo escapou. Bárbara se derreteu pelo chão, o povo todo lamentou. De três a cinco anos de reclusão.

SEGUNDO

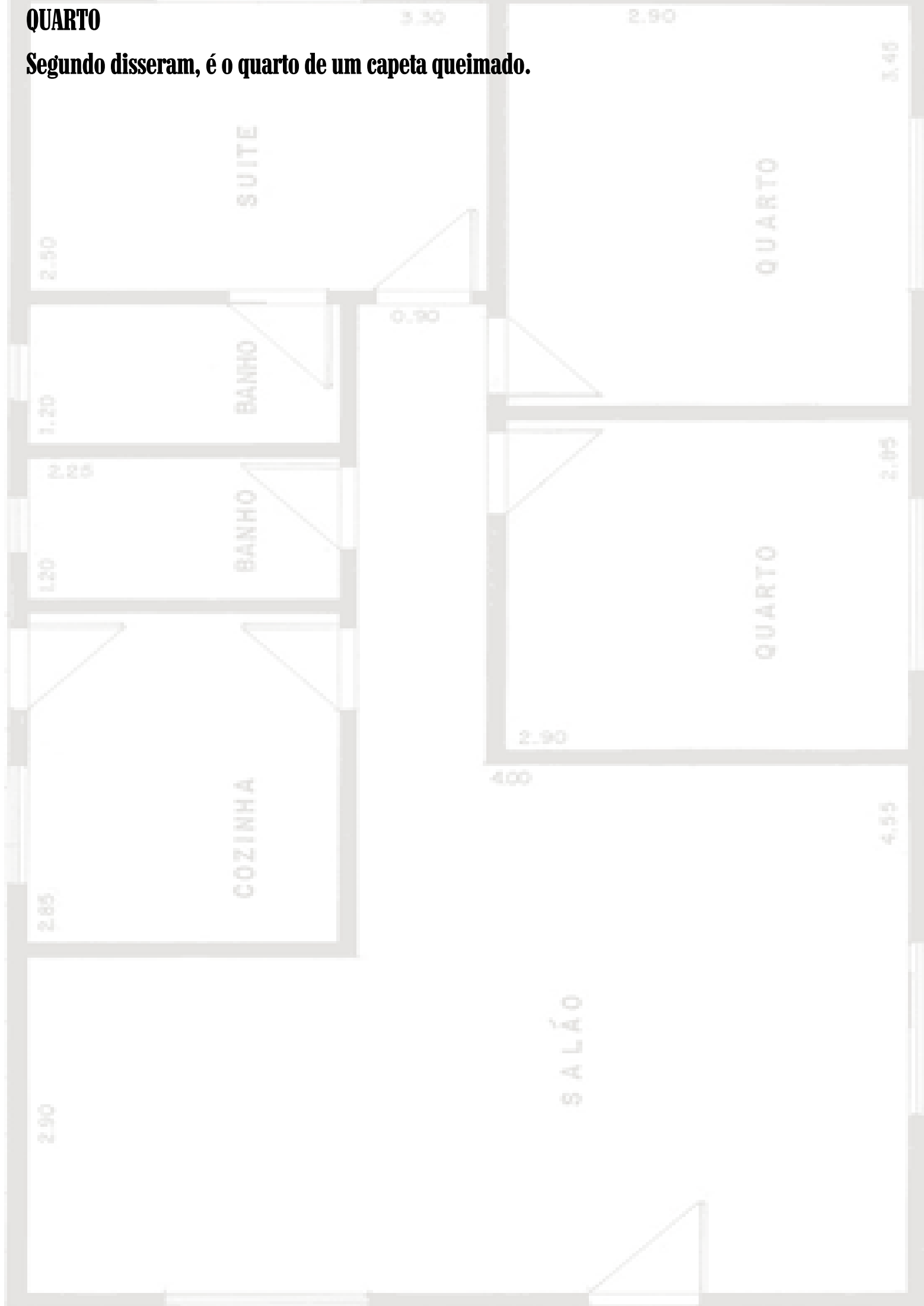
Segundo? Carta da sua tia. Não tenho família. Letra rosa redonda, papel de caderno, fez muito bem, que queimem no fogo do inferno, te espero, Maria Alice.

TERCEIRO

Maria Alice desperta. Outro janeiro, mais uns três fevereiro e a janela amarela aberta, fechou. O sol foi embora, do nada ela chora, dorme, bebe, se droga e a rosa sujou. Entrei nessa com ela, na pobreza e na doença, pra onde você for eu vou. Conteí do limoeiro, do leite, do espelho, do capeta da vó. Ela queria a mãe, se abriu sobre o tio e chorou de dar dó. Fui pegar mais bagulho, era meio de julho, tinha vela pra santa, pra luz e pro frio. Voltei tinha clarão, vizinho, mangueira e um monte de balde vazio. Santa Bárbara se reduziu em pó ao chão. Cortiça resiste ao fogo, sorriso e sol, não.

QUARTO

Segundo disseram, é o quarto de um capeta queimado.



O VAZIO QUE ALIMENTA

SIRINEU BEZERRA



SOBRAL-CE

UM QUARTO

**Num antigo papelito,
amarijo de tão véquiu,
numa letra que era minha,
uma lembrança me assalta:
“Mônica Gurgel”, sem número...**

**Sem número e sem mais nada!
Só um nome e um sobrenome,
quase senha de tão cripto,
esfíngico, cabalístico.**

**Nada fácil reencontrá-la,
principalmente sabendo
que só o nome era dela:
o sobrenome é da rua
onde há mais de vinte anos
ela disse ter um quarto...**

MAURO BARTOLOMEU

BATATAIS-SP

NA JANELA DO MEU QUARTO

ZEKA KYAMBOTE

JAEZ -

Mônica é a primeira garota que me faz parar e não sentir mais meus pés - Desculpe, esqueci de dizer quem sou. Meu nome é Jaez e estou parado neste instante olhando para Mônica, uma garota que acabei de encontrar por acaso do outro lado da minha Janela.

Tive que parar e não poder ouvir meu coração bater - não era o que eu estava planejando hoje pela manhã quando não pode ir trabalhar depois de se ter iniciado o confinamento aqui em Luanda. Me levantar depois que olhei para meu relógio de pulso era uma terrível tarefa. Não senti meu sangue circular durante as horas que ficamos parados nos encarando sem tentar conhecer melhor um ao outro.

Não consegui mais respirar quando acenei para ela, uma baixinha linda que estava ali parada na casa de um vizinho meu, mas que eu nunca soube dela era verdade porque quase nunca tinha tempo para ficar em casa, eu trabalhava de maneira esquisita, não tinha dia de folga, saía as 5 da manhã e voltava as 10 da tarde. Sempre que chegava a casa eu lia novamente o livro de Colleen Hoover, toda santa noite.

Ela me mostrou seu telefone. Sem dizer palavra nenhuma escreveu tudo no papel. Levei um tempo, mas escrevi um poema pra ela que ligou para mim e conversamos bastante.

Abandonei meus pensamentos em desalento enquanto aguardava pela hora de ir encontrá-la. Fui às pressas até a janela onde a vi chegar num vestido vermelho, era então o nosso primeiro encontro oficial. Ela era tão diferente de mim, mas eu gostava dela. Principalmente de seu cabelo pintado. Seu signo era bastante forte para mim, um sagitário de 32 anos de idade. Queria entender como ela estudava Direito mesmo parecendo pop. Minhas cantadas a faziam sorrir, mas o que Mônica me contou de como era antes, tudo soou-me como se fosse mandarim. Seus gostos musicais eram parecidos com os da minha mãe. Já eu via novela e jogava futebol com

LUANDA-ANGOLA

meu cachorro Péter. Eu tinha medo de acordar e não poder olhar as mensagens dela, medo de não saber o que dizer por eu não ter 1% do nível do conhecimento dela. Mas, tudo entre mim e Mônica deu certo mesmo quando as probabilidades não estavam ao nosso favor, todo dia a encontrava junto a minha janela para conversar para conversar e ficar.

Trocamos pares de fotografias, um dia até fizemos jogo de natação juntos. Viajamos para longe de Luanda, lugar onde morávamos. Tudo isto apenas em jogos virtuais. Ela me ensinava bastante sobre astrologia e o planeta terra. Me viquei nela e logo, logo, eu estava babando também. Deixei o cabelo crescer e fiquei todo descuidado. Mas pelo menos eu estudava e passei no vestibular online. Várias vezes brigamos, até por coisas banais. Dizíamos que não separamos ainda porque um completa o outro e por estarmos a distância de uma janela. Não acreditei quando construímos nossa casa e tivemos gêmeos no minecraft. Foi a fase mais difícil de nossa vida a dois, por isso precisamos voltar para realidade onde estaríamos perto de nossos parentes.

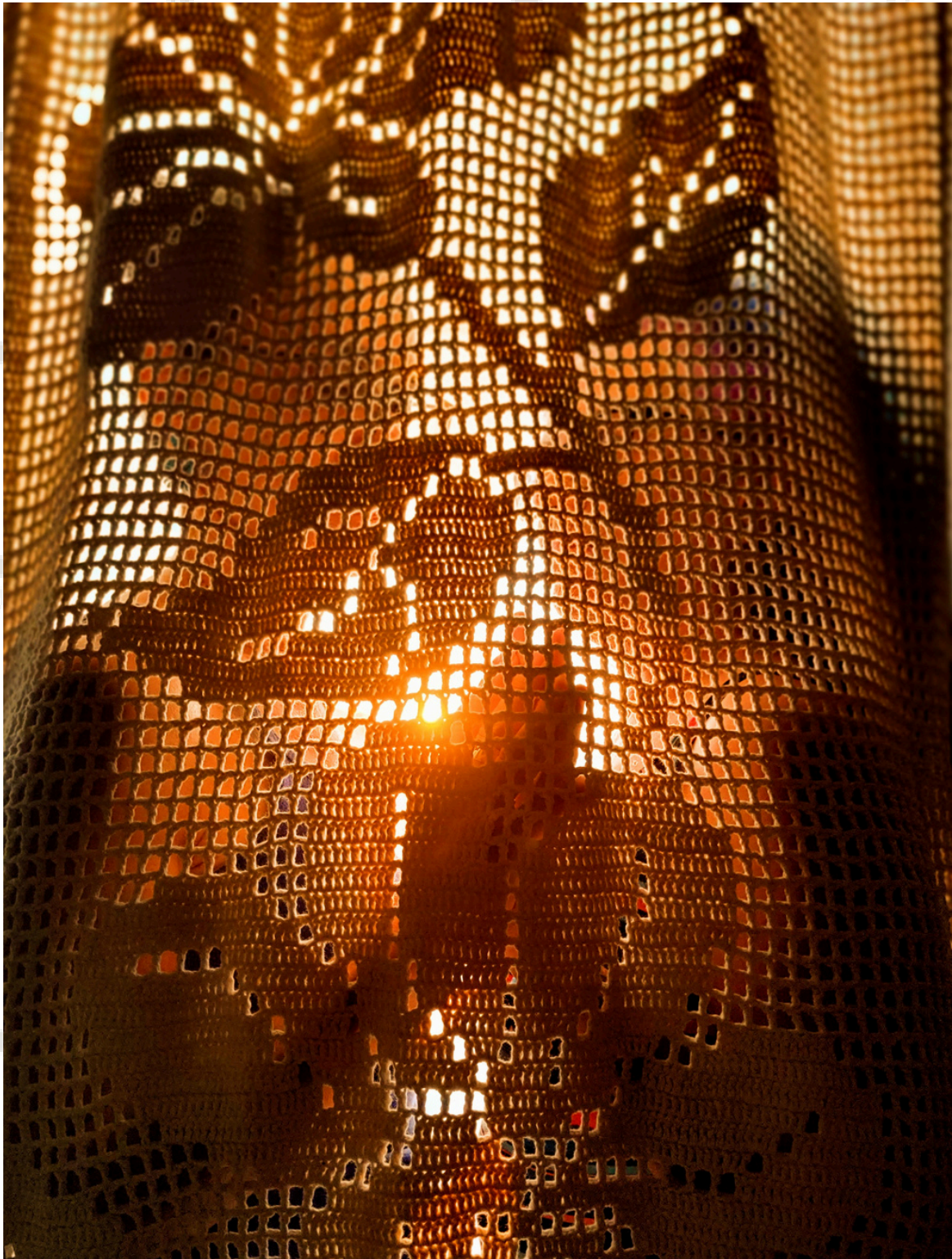
MÔNICA -

Por ficar muito tempo offline, um de nossos filhos está doente, por isso não sairemos de férias desta vez! Às vezes Jaz é insuportável. Principalmente quando não diz o que pensa. Ele é totalmente oposto a mim, mas sei que opostos se atraem deve ser por isso que aceitei sair com ele para aquela festinha que tinha no bate papo de uma amiga minha. Eu não me preparei para conhecer ele, ainda mais sabendo que ele morava no outro lado da janela. Me lembro que naquela manhã eu estava tomando café em minha janela. E naquele dia mesmo conheci ele. Não é tão bonito, mas sua inocência e o jeito que olhava para mim me intrigavam. Ele fala bastante, as vezes fala coisa com coisa e eu queria continuar ouvindo sua voz. Naquela madrugada ri bastante ao perceber que ele não era feito para festas ou talvez fosse a sua idade que lhe fazia ficar cansado.

Ainda fazemos algumas atividades juntos, mas são apenas atividades triviais desde que os gêmeos nasceram e nossas responsabilidades aumentaram. Por isso queríamos viajar e aproveitar nossas férias. Eu sempre sonhei em casar com um cara totalmente diferente de Jaz, mas eu o amo e não me arrependo das escolhas que fiz. Não somos compatíveis, não temos uma vida fácil, mas quem pode justificar as escolhas feitas pelo coração?

AMOR E SOL

PAULO D'LA
FUENTE



RIO DE JANEIRO-RJ

GALÁXIAS

VICTOR CRUZEIRO

1: Você fuma?

2: Não. Parei de fumar já faz um tempo...

1: Muito tempo?

2: Tempo suficiente, eu acho. Mas eu já respiro bem melhor do que antes... você devia parar também...

1: Olha, eu vou concordar com você. Não faz bem. Mas, além de não ter críticas quanto ao meu fôlego, eu também não consigo perder essa mania terrível de fumar depois uma trepada incrível...

2: Então esse é seu jeito de agradecer?

1: [acende um cigarro] Eu acho que sim...

2: E você diz isso toda vez, eu aposto...

1: Claro que não! Essa foi realmente maravilhosa... quer dizer... [traga e solta fumaça para cima] Fazia muito tempo que eu não gozava ao mesmo tempo com alguém.

2: É uma delícia, não é?

1: Eu diria que é mágico... o tipo de coisa que acontece poucas vezes...

2: E você tenta encontrar isso com frequência?

1: O que é isso? Você tá controlando a minha vida sexual?

2: Não... é só curiosidade... pra saber se você traz sempre pessoas que você nunca viu antes pra sua casa pra ter transas fantásticas e tentar gozar junto...

1: Não! Juro que não faço isso sempre! Ainda mais com alguém que eu nem sei o nome...

2: Sorte sua, porque daí você pode me chamar do que quiser...

1: E eu já não fiz muito isso hoje?

2: Humm... o suficiente para uma primeira vez, eu acredito... nomes que eu nem sabia que

BRASÍLIA-DF

tinha...

1: E agora você vai me contar o seu nome real?

2: Me dá sua mão...

1: Ou talvez de onde você é, pelo menos...

2: E que diferença vai fazer? Vem... me dá sua mão...

1: Espera... deixa só eu [traga uma última vez e apaga o cigarro na parede]. Pronto.

2: Você tem mãos bonitas... dedos finos... delicados...

1: Obrigado.

2: E os meus?

1: Os seus o que?

2: Os meus dedos... o que acha deles?

1: Bom, eu acho... eles são pequenos e delicados também, aliás, como toda a sua mãozinha... e são suaves, a sua pele é gostosa de tocar, mesmo aqui nos nós, e suas unhas são pequenas e... gentis...

2: Meus dedos são gentis?

1: Desculpa, apesar de ser professor eu não sou tão bom assim com palavras...

2: Não! Não é isso! Eu gostei! Eu gostei bastante aliás...

1: Ah, então tá! Você tem mãos pequenas... e suaves... e com dedos gentis...

2: E saber disso não é muito melhor do que saber meu nome?

1: Humm... então todo esse exercício é só uma forma de me impedir de saber quem você é?

2: Mas eu posso ser muita coisa...

1: Pelo menos o seu nome!

2: Pode ser Juliana...

1: Eu gosto de Juliana, gosto do som...

2: ... E eu posso ter uma filha pequena e estar me aventurando pra esquecer um casamento que me adocece...

1: Eita...

2: ... mas eu também posso ser uma poeta com um nome bonito demais para você, e por hora você vai ter que se contentar em me chamar de Daniela...

1: Também gosto de Daniela... Dani...

2: ... ou eu posso ter tido outros nomes...

1: Mas...

2: ... e agora estou procurando um lugar novo com uma vida nova...

1: Mas nada disso faz diferença!! Não é isso! Não quero seu nome sozinho. Não sou um guichê de rodoviária!!

2: Me diz então o que você quer...

1: Eu até esqueço o que eu vou dizer quando você sorri desse jeito... esse sorriso lindo pra caralho... você tem uma boca linda, sabia?

2: E isso não é suficiente?

1: Também... mas eu queria saber mais de você, não só sobre você, saca?

2: Me dá sua mão de novo... coloca ela assim, na minha... assim... Isso não é o suficiente?

1: As nossas mãos?

2: Uhum... as suas mãos grandes e seus dedos longos e as minhas mãos pequenas e gentis...

1: Isso não é o suficiente... Eu quero saber mais...

2: Mais o quê?

1: De onde você veio? Por que a gente se encontrou na rua? Por que foi tão bom? Quando a gente vai se ver de novo?

2: Você percebeu que você fez quatro perguntas... e todas não estavam no presente?

1: É o quê??

2: Você perguntou “de onde você veio”, “por que a gente se encontrou”, “por que foi bom” e... como foi?

1: Quando a gente vai se ver de novo?

2: Isso. Essa tá no futuro. As outras três estavam no passado.

1: E isso muda de alguma forma as respostas?

2: Bom, todas as suas dúvidas estão em outros lugares... e enquanto...

1: Enquanto o que?

2: As nossas mãos seguem juntinhas aqui, uma aberta na outra, como um espelho uma da outra... isso não é mais bonito?

1: Mas não responde nenhuma das minhas perguntas...

2: Talvez elas sejam respondidas quando elas chegarem no presente...

1: Pera... mas você não disse que eu fiz três perguntas no passado e uma no futuro, certo?

2: Uhum...

1: Então se for pra esperar elas se tornarem presente, só vou conseguir uma resposta pra quando a gente vai se ver de novo... porque é a que ainda vai existir... As outras... as outras três... que você disse que eram no passado... elas não vão ser presente nunca mais...

2: Por que você acha isso?

1: Ué, é óbvio que o passado já passou! Não dá pra eu esperar o passado virar presente...

2: Não?

1: Você e... Para! Não sorri assim de novo que eu esqueço tudo que eu sei sobre verbos... Eu só queria...

2: Então refaz as suas perguntas... que eu respondo tudo que você quiser...

1: Refazer elas... no presente?

2: Uhum...

1: Socorro! Eu não devia ter te dito que dou aulas de português... você tá dando um nó na minha cabeça, sabia?

2: Tenta...

1: Então vou tentar... começando pela mais fácil... Por que é tão bom o que a gente tá tendo? E... De onde você vem? Ou onde você mora?... E... Por que... por que a gente a gente... se encontra... consegue... ou tem sorte de... Essa é muito difícil!... É difícil colocar frases no presente assim do nada!!

2: Então muda a pergunta...

1: Quando eu te vejo de novo?

2: Você já tá vendo agora.

1: Engraçadi...

2: Não é o suficiente?

1: Vou ter que dizer que é...

2: Continua...

1: Já que você não vai dizer seu nome, vou tentar mudar... De onde você vem... é? De onde você é!! Pra deixar o mais presente possível.

2: Isso não vai te ajudar em nada.

1: E por que não? Você mora com alguém?

2: Não é isso. É que nesse momento eu tô aqui, juntinho com você...

1: Você tá, mas você não é...

2: Se eu me aconchegar bem assim em você e morder seu pescoço... eu não posso ser um pouquinho mais com você?

1: Você fala muito engraçado... tô começando a achar que você é poeta mesmo... ai... E depois?

2: Depois o quê?

1: Depois daqui... onde você vai est... não, onde você é?

2: Não sei. Talvez lugar nenhum...

1: Como assim? Como lugar nenhum?

2: Ué, porque eu ainda não cheguei lá... como é que eu vou saber onde eu vou estar se ainda não tô lá?

1: Você tá me confundindo muito!

2: Olha aqui... nossas mãos aqui... juntinhas assim. Se a gente subisse nas costas da sua mão... desse jeito... a gente não ia saber o que está acontecendo aqui na minha mão, do outro lado...

1: Porque são lados diferentes... Mas seria só o caso de atravessar, subindo aqui por esses seus dedinhos lindos...

2: Mas a minha mão existe ao mesmo tempo em que a sua mão. Meus dedos estão aqui grudadinhos nos seus... Tá sentindo eles?

1: Tô

2: Mas a gente estaria juntinho na sua mão... não na minha...

1: E ela ia continuar existindo...

2: Isso. E nós também...

1: Mas só desse lado.

2: Mas íamos existir mesmo não estando daquele lado... não?

1: Mas o que isso tem a ver? Isso é quase física quântica...

2: Aqui... assim... Imagina agora que a gente separa nossas mãos...

1: Nãããoo...

2: Vamos descolando elas aos pouquinhos... primeiro as pontas dos dedos, depois os dedos, até as palmas irem se separando, bem devagarzinho... Agora...

1: Agora eu fico com a mão livre para descer p...

2: Calma!! Deixa eu completar... se não você me desconcentra... A gente...

1: Tá bom. Onde nós estamos?

2: Aqui... na sua mão... Mas a minha tá se afastando aos poucos...

1: Então elas deixaram de ser um lugar só!

2: Não. Não deixaram. Olha como elas continuam uma de frente pra outra, espelhadas...

1: Mas tem um espaço entre elas. Como continentes que se separam...

2: Você tá falando de terra, eu tô falando de lugar...

1: Como assim?

2: A gente tá aqui na sua mão, não tá? Juntinhos e sentadinhos.

1: Sim.

2: Mas a gente não tava na minha mão também?

1: Não! Você disse que a gente só estava na minha!

2: Mas a gente existir independe de onde a gente tá. E, olha só... como a gente vai saber se não está lá se a gente não está lá?

1: Quê? Pelo amor de deus! Que papo maluco!!

2: Calma. Vem cá. Deixa eu te abraçar. Eu gostei de sentir sua respiração...

1: Você tá falando de realidades paralelas e essas coisas de filme?

2: Não... Eu tô falando que a gente tá aqui e não sabemos se não estamos lá também...

1: Isso é claramente papo de filme de ficção científica pra mim...

2: Mas só porque a gente só pensa nesse tipo de coisa acompanhado de nave e ator famoso imitando cientista e falando difícil... eu tô falando disso aqui... desse quartinho, de você e eu...

1: Como?

2: É que você tá pensando só em lugares. Se eu e você estivermos aqui e depois eu for pro quarto ao lado, a gente ficar separado por uma parede. Né?

1: É.

2: Mas e se quando eu for pro outro quarto, ou pra sala, ou pra rua, ou pro mercado onde a gente se viu... Se eu não te avisar onde vou estar... como você vai saber onde eu tô?

1: Eu te ligo? Se você me der seu telefone, claro...

2: Bobo... olha só... você não vai saber onde eu estou, e daí eu posso estar em todos esses lugares, concorda?

1: Sim. É a coisa do gato na caixa, que tá vivo e morto ao mesmo tempo, já ouvi isso algumas vezes...

2: Tá, é mais ou menos isso, mas sem machucar o gato... Eu posso estar em todos esses lugares ao mesmo tempo.

1: Mas vai ter que estar em só um deles...

2: Provavelmente...

1: Como provavelmente?? Não tem como você estar em dois lugares ao mesmo tempo!! Assim como não dá pra minha frase estar no passado e no presente ao mesmo tempo!

2: É... provavelmente é isso...

1: Provavelmente como?? Meu deus, você tá me deixando ansioso! A gente não pode só beijar ao invés de destrinchar os fundamentos da realidade?

2: Podemos... mas podemos fazer as duas coisas também...

1: Falando desse jeito, eu sinceramente não sei qual é o mais tentador...

2: Às vezes as coisas podem estar no presente e no passado juntas!

1: Sim, mas tipo lembranças... Eu mesmo tenho memórias de 25 anos atrás vivas como se fossem de hoje...

2: São coisas que já existiram, não é? Coisas que aconteceram...

1: Foram... isso.

2: Então são.

1: Como?

2: Você não tá pensando nessas coisas de 20 anos atrás agora?

1: Sim.

2: Então elas existem.

1: Não!

2: Siiim!

1: Não existem agora!

2: Não existem fisicamente, você pode me dizer, mas existem.

1: Isso não faz sentido nenhum...

2: Me dá aqui sua mão de novo. A gente tá aqui... na sua mão... juntinhos e abraçados. E nossas mãos estão juntinhas... Agora, se as mãos vão se separando, aos poucos, assim...

1: O que eu acho uma pena...

2: Fica quieto... Olha... elas deixam de estar próximas, separadas por esse espaço que você achou parecido com o mar entre os continentes... Mas... elas seguem ligadas por essa conexão que elas tiveram, que não era só o toque, mas o espelhamento uma da outra. Uma era o verso da outra. Por isso a gente tava aqui e lá, mesmo estando nós dois aqui... Era um todo só. E, mesmo se elas se separarem assim aos poucos, pelo tempo, não deixam de ser um todo, duas metades espelhadas...

1: Metades da laranja...

2: Metades de uma laranja cortadas por uma faca com uma lâmina de 25 anos...

1: Você tá falando de memória, então?

2: Memória é um dos nomes que a gente dá pra essa metade aqui que tá se afastando...

1: Certo... Até que faz sentido, minha poeta cientista... Mas... e pra que fica?

2: Qual fica?

1: Ué... a metade que fica... Aquela em que nós estamos aqui, juntinhos... A minha mão...

2: Mas ela fica? Quer dizer... É só a outra que tá se afastando, ou são as duas?

1: Calma! Calminha aí! Eu ensino adolescentes a escreverem redações de 30 linhas sobre proteger as florestas. Eu não tenho capacidade de acompanhar tanta coisa assim. Ainda mais a essa hora! Vamos voltar um pouco, podemos?

2: Claro.

1: Uma metade você chamou de memória, certo?

2: Uhum.

1: Vamos supor que essa é a metade da sua mãozinha... com seus dedinhos pequenininhos... e

vamos supor que ela tá se afastando assim, aos poucos...

2: Certo.

1: E nós estávamos aqui, na minha mão, certo?

2: Sim. Estamos aqui. Juntinhos.

1: Então qual é o nome dessa metade aqui? Da minha mão?

2: Humm... Não sei... que tal... Presente?

1: Presente?

2: Agora?

1: Agora!

2: Isso!

1: E a outra metade se chama memória? É isso? Bom, eu posso dizer que faz todo o sentido pra mim.

2: Mas eu consigo complicar ainda mais...

1: Não, por favor...

2: Vem cá... chega mais pertinho... Me dá sua mão de novo. Entrelaça seus dedos nos meus. Assim... Daí a memória e o agora...

1: Tão juntos!

2: Mas quando você tem uma laranja e corta ela em duas metades... só uma se chama laranja?

1: Quê?? Não! Quer dizer... Não! São laranjas!

2: Eu te avisei...

1: Você é uma professorinha cruel!! Você tá destruindo tudo que eu achava que eu sabia!

2: Mas isso não facilita mais? Eu tô aqui com você agora... e ao mesmo tempo sou uma memória... E você com...

1: Espera um pouco... Isso tudo foi um grande esquema pra não precisar me dizer onde você mora?

2: Isso tudo é um jeitinho de te dizer que não faz diferença onde eu tô ou onde eu vou. Eu posso muito bem deixar de existir quando atravessar aquela porta e vou continuar aqui com você...

1: Isso tudo é muito bonito, mas eu quero te encontrar de novo, te pegar, te apertar, te beijar, te lambar... eu quero trepar com você numa terça-feira pela manhã de novo!! E depois olhar

nesses seus olhos verdes que parecem mudar dependendo do jeito que a gente olha...

2: _____ .

1: E você ainda tem coragem de abrir esse sorriso... Sabe de uma coisa? Seus olhos... Eles parecem... eu não sei se foi esse papo de sci-fi todo que me deixou mais propenso a analogias assim... Mas eles parecem galáxias, girando, mudando, passando, iluminadas...

2: Você sabia que as galáxias se afastam porque já foram uma coisa só?

1: Tipo o que? Um grande bolo de galáxias?

2: Um grande aglomerado... E aí elas foram se afastando... mas nunca conseguiram separar as partes que uniram elas...

1: E mesmo que elas se distanciem...

2: No infinito todo... e todo...

1: Elas vão seguir sendo uma coisa só...

2: Memórias de galáxias.

1: Memórias de galáxias...

[1+2]

2: Não... Eu... Eu preciso ir...

1: Como? Mas... Desculpa, eu não queria... Eu forcei...

2: Eu preciso ir mesmo... Já tá ficando tarde... [sentando na cama]

1: Você pode pelo menos me dizer seu nome... ou então quando a gente pode se ver de novo... se a gente pode se ver de novo.

2: Eu quero te ver de novo... se der... mesmo que... porque é tudo tão complicado... mas, eu vou tentar... você vai... e eu vou seguir aqui... não vou? Metade do que vai continua...

1: Eu achei as metáforas lindas, mas...

2: Essa coisa toda de agora, antes de depois é complicado, né? Por isso eu prefiro essa experiência única do sempre presente, sempre vivendo, onde quer que esteja, indo ou voltando. é agosto e chove muito, não consigo sair de casa. é setembro e eu estou dormindo mal, tomo um copo de leite quente antes de deitar. é outubro e eu conheço um cara legal no supermercado. ele sorri pra mim e me leva pra casa dele sem perguntar meu nome. ele fode bem. é novembro e eu preciso ir embora. preciso mesmo. é dezembro e... Não me segura. Por

favor. Não me segura. [abotoando a camisa]

1: Eu só quero... Por favor... Juli... Dani... sei lá!

2: Eu sei que é complicado. Mas... Nem sempre a gente vem de onde precisa pra estar... estar onde quer, sabe?... Eu disse que podia deixar de existir assim que passasse por aquela porta...

Você precisa entender... [vestindo a roupa apressadamente]

1: Você vai desaparecer no ar?

2: Talvez... Talvez eu vá voltar pra minha galáxia e só consegui estar aqui por um espaço que se abriu quando as duas metades se separaram... o resto é o fim... [calçando um pé do sapato]

1: Por favor, não fala assim... essa combinação... foi tão mágico...

2: Especial... eu sei... eu também tava lá... [calçando o outro pé]

1: Especial é pouco... foi... sincronizado... essa coisa do tempo que você falou tanto... eu preciso...

2: Nós sempre precisamos de algo... mas sempre falta tempo...

1: [senta na cama] E quando o tempo chega, ele separa as coisas ao meio... É isso?

2: Você aprendeu direitinho [beija]

[1 passa as mãos pelo rosto num longo suspiro, enquanto ouve 2 sair pela porta. Sem pensar direito, se levanta e corre até a porta. Abre de uma vez e olha para os dois lados, esperando ver 2 esperando para voltar. Não há ninguém. O corredor está escuro. À sua frente, apenas, um espelho pendurado na área comum do corredor, onde ele vê o próprio reflexo, espelhado, enrolado em um lençol, suado, ofegante, angustiado e só.]

OLHARES SINCEROS

PRISCILA ALVES



TERESÓPOLIS-RJ

QUARTO X1

RODRIGO ORTIZ VINHOLO

- Eu sinto que algo aconteceu comigo.

O concierge, surpreso, levantou o rosto de suas anotações para encontrar Zenão com os olhos arregalados. Apesar de estar claramente incomodado com alguma coisa, ele parecia fisicamente bem.

- O que disse, senhor? - perguntou o funcionário do hotel, tentando transmitir segurança.

- O quarto que vocês me deram... - disse Zenão, as mãos inquietas passando pelos cabelos e pela barba, como se tentasse garantir que não haviam fugido. - ...ele parecia normal, mas eu sinto que fez algo comigo.

- Senhor... Zenão - disse o concierge devagar, consultando sua excelente memória para rostos e nomes. - Ah, sim! Entendo que está em um dos quartos matemáticos, certo?

- Estou no quarto x1 - disse Zenão, pronunciando "xis um".

- Quarto x1 - repetiu o concierge, mas pronunciando "vezes um". - Perfeitamente! Entendo que o senhor não se sentiu à vontade com a operação matemática?

- Espere... que operação?

A expressão do rosto do concierge passou para um discreto misto de preocupação e descrença, e ele começou a explicar devagar:

- Em matemática, uma operação é qualquer tipo de procedimento que é realizado sobre certa quantidade de elementos...

- Não! - interrompeu Zenão, irritado. - Eu sei o que é uma operação matemática, o que quero entender é o que exatamente aconteceu comigo.

- Perfeitamente, senhor! - Disse o atendente, com seu melhor sorriso. - Você foi multiplicado por 1!

Zenão olhou ao redor, procurando ajuda de qualquer outra pessoa, mas ninguém por perto

SÃO PAULO-SP

prestava atenção na conversa. Ele respirou fundo, esfregou os olhos e, quando voltou a falar, era com o tom controlado de quem tenta não perder a paciência.

– Veja... eu entendo o que significa multiplicação. Eu entendo como são as operações matemáticas. Mas eu não sou um número. Não é possível que eu passe por operações matemáticas, especialmente uma de multiplicação por 1. Você entende, isso?

O concierge não vacilou em seu sorriso, e balançou a cabeça.

– Eu entendo sua preocupação, Sr. Zenão, mas nosso hotel é especial nesse sentido. O quarto x1, tal como outros, faz parte de nossas suítes matemáticas.

Zenão não conseguiu responder. Ele apenas continuou encarando o concierge.

– Nós temos, por exemplo, o quarto x2. E o x3. E, da mesma forma, os quartos de divisão, soma e subtração – seguiu ele em sua explicação, como se falasse de uma grande vantagem frente aos concorrentes do mercado de hotelaria. – É claro que, nesses últimos casos, nós controlamos um pouco mais o acesso para evitar divisões ou subtrações indevidas... o senhor entende, certo?

Zenão ia dizer que não entendia, mas estranhamente aquela ideia começou a se consolidar em sua mente. Ela ao menos explicava o modo como se sentia estranho desde que entrou no quarto.

– Está me dizendo que se eu tivesse me hospedado no quarto x2 – dessa vez, ele disse corretamente "vezes dois" – eu teria sido duplicado?

– Exatamente, senhor! Duas cópias idênticas, com cada um de seus pertences!

O hóspede concordou com a cabeça. Colocando daquele jeito, por mais que fossem fantásticas, as coisas ficavam bem menos abstratas. Mas ainda restava a dúvida fundamental, que escapou de seus lábios assim que se formou em palavras no pensamento.

– Mas o que significa, então, a multiplicação por 1?

O concierge virou as palmas das mãos para cima, em um gesto de resignação.

Significa exatamente o que diz, senhor. Que quem entra no quarto é multiplicado por 1. Não por 2, 3, tampouco por 0. No caso, temos um quarto x0, mas mantemos ele fechado porque é um fim terrível passar por esse tipo de multiplicação.

Mas... Mas... – A mente de Zenão parecia estar esquentando como uma máquina fazendo um

cálculo muito complicado, enquanto tentava compreender a lógica estranha de passar por um processo de multiplicação por 1. – Eu sinto que algo mudou, em mim. Eu passei por alguma experiência, quando entrei naquele lugar.

– Certamente, senhor – concordou o concierge. – Você passou por uma operação matemática, como já dissemos.

– Mas eu sou o mesmo, ou não? – o desespero que começava a tomar conta de Zenão ia em um caminho existencial. Ele só queria que alguém o convencesse de que nada havia mudado, que nada mudaria, caso contrário sentia que não conseguiria ter sossego em sua vida.

– O produto de qualquer multiplicação por 1 é o mesmo fator original. Zenão vezes 1 é igual a Zenão.

– Mas eu passei por uma experiência – argumentou Zenão, seus olhos voltados para o concierge, mas desfocados, enquanto tentava conceber a ideia do que lhe havia passado. – E eu passei pela operação, e eu fui multiplicado... Eu sou o mesmo, então?

– Você continua sendo Zenão – confirmou o atendente, tranquilo.

– Mas eu passei por uma experiência! – repetiu o hóspede, à beira de um ataque de nervos.

O concierge considerou a ideia, pensou por alguns instantes, depois colocou a mão em seu ombro.

– Normalmente isso acontece com todos nós, senhor. – Seu tom era de um pai aconselhando um filho, com um quê filosófico e profundo. – É um dos fatos da vida. Infelizmente, ou talvez felizmente, viver significa passarmos por experiências que nos mudam para sempre, das menores às maiores. Mas nós continuamos sendo nós mesmos, com ou sem mudanças! Ou talvez sempre mudemos e a permanência de nossa noção do "eu" seja uma ilusão! Se não me engano, foi Plutarco que primeiro expôs o problema do Paradoxo do Navio de Teseu...

– E se fosse x^2 ? – interrompeu Zenão. Seu olhar ainda estava perdido, e sua voz saiu oca e estranha, desesperançosa.

– Como?

– Se fosse o caso do quarto x^2 , e eu fosse multiplicado por 2... Qual seria o original? – continuou ele, olhando no fundo dos olhos do concierge.

– Simples! Os dois seriam o original. O original seria multiplicado por dois. Do mesmo modo

que você é o original, multiplicado por 1!

Zenão puxou os cabelos, bufou e gemeu, confuso.

– S-se dividissem os dois multiplicados por 2, o que restaria seria o original?

– Perfeitamente! – respondeu o concierge, alegremente. – E se levássemos os dois para a sala -1 – ele pronunciou como "menos um" – o resultado seria o mesmo!

Zenão meneou a cabeça lenta e continuamente, se sentando no chão em frente ao balcão. Ele abraçou os joelhos, tombou de lado, e continuou ali, balançando a cabeça.

Dessa vez, os outros hóspedes e funcionários começaram a prestar atenção, e o concierge, constrangido, achou melhor dar a volta no balcão e se abaixar perto de Zenão.

– Senhor Zenão, lamentamos muito que tenha se sentido tão incomodado com a experiência. Não queremos que sua estadia seja desagradável, então estamos prontos para oferecer um outro quarto. Suas malas serão transferidas para lá pela nossa equipe, claro, para que não precise entrar e ser multiplicado outra vez.

No chão, Zenão ergueu os olhos para o homem e sua voz saiu como um resmungo baixo.

– Se eu entrar nesse outro quarto que você quer me dar eu saio do mesmo jeito que eu entrei?

O concierge sorriu novamente, mas não conseguiu esconder algum tanto de constrangimento.

– Claro, senhor! Perfeitamente, você sairá do mesmo modo como entrou.

Zenão foi aos poucos se recompondo, até se sentar outra vez no chão, mas ainda encarava o concierge com desconfiança.

Tem certeza?

Veja bem, senhor – disse o concierge, sem conseguir esconder o incômodo. – Nossos quartos, em sua maioria, estão ocupados. É uma época de alta procura. Mas ainda há um quarto matemático que bate justamente com essa descrição que você falou.

E então ele estendeu o cartão de acesso, e lá estava, no lugar do número, outro símbolo matemático: duas linhas horizontais, representando que aquela era a chave para o quarto "igual".

ISOLA DA MENTE

ROSE BATTISTELLA

SUITE

QUARTO



SÃO PAULO-SP

CAPACHO

(IN VIDA DE QUITENETE)

SOFIA KAWALL LEAL

Os móveis inscritos aqui

São-lhe subservientes

Encarnam o seu formato

Você tangencia

O perímetro do quarto

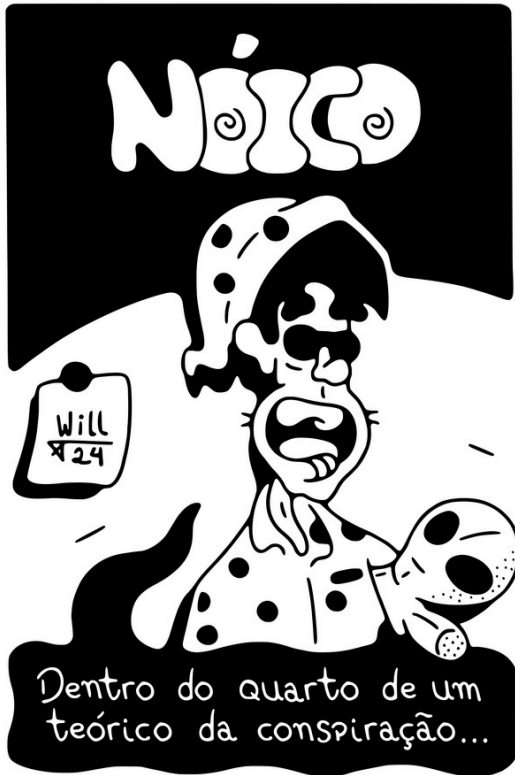
Estou a seu serviço

Capacho

XANGAI-CHINA

O QUARTO DE NÓICO, O CONSPIRÓLOGO

WILL AZARIAS



...tem um cantinho para as tralhas ufológicas, terraplanistas e de tom apocalíptico...



...tem conexão para passar o dia inteiro consumindo boatos no zap...

...tem fantasma do comunismo debaixo da cama!



NUM QUARTO DO SÉCULO XXI

FRANCISCO SOUSA

Vinte e cinco anos se escoaram na ampulheta do tempo,
um quarto do século, fragmento de eternidade,
onde o ontem e o amanhã se entrelaçam
em um abraço de luz e sombra.

No coração de Nova York, o céu se rompeu em cinzas,
torres desabaram como gigantes feridos,
e o eco daquele 11 de setembro
se tornou uma cicatriz na pele do mundo.

Das cinzas, ergueu-se um novo palco:
telas pulsando, conectando silêncios,
Facebook teceu fios invisíveis entre distâncias,
mas prendeu almas na solidão do infinito
E Barack Obama, com sua palavra-candeia,
escreveu no ar a promessa de mudança.

Michael Jackson dançou sua última canção,
deixando passos imortais no chão do imaginário.

E no Vaticano, Francisco, o peregrino das Américas,
abraçou o simples, como quem semeia
esperança em terras áridas.

No Brasil, o mundo celebrou em verde e amarelo,
a Copa de 2014 ecoou em gritos e lágrimas,
mas sob as arquibancadas vibravam vozes
de um povo que exigia mais que espetáculo.

CAMOCIM-CE

Paris, em 2015, viu a luz de suas ruas
cortada pelo terror;
mas enquanto o medo sussurrava,
Greta, pequena gigante, gritou ao mundo:
"O amanhã não nos espera!"
E então, o silêncio surgiu...
Veio a pandemia,
um manto invisível cobrindo a terra,
máscaras esconderam rostos,
mas revelaram a fragilidade dos alicerces humanos
O vazio das ruas falou mais alto que palavras,
e o tempo, por um instante, parou.
Agora, no alvorecer da inteligência artificial,
criamos máquinas que pensam,
mas esquecemos de ouvir nosso próprio coração
E, ainda assim, a diversidade floresce,
um hino colorido entre rachaduras,
crianças desenham novos mundos
com lápis tão afiados quanto sonhos.
Um quarto já se foi,
mas o século ainda engatinha,
titubeia como aprendiz na travessia
Que janelas abriremos no próximo quarto?
Que histórias murmurarão as paredes ao final?
Enquanto buscamos a chave do porvir,
que o futuro nos olhe intensamente nos olhos,
e, com a serenidade de quem espera,
nos abraça como uma promessa cumprida.

